



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS “OSMAR DE AQUINO”  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**KYANNE MARIA ALVES SILVA**

**O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE LI NO ENSINO FUNDAMENTAL II:  
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NESSE PERÍODO**

**GUARABIRA-PB  
2017**

**KYANNE MARIA ALVES SILVA**

**O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE LI NO ENSINO FUNDAMENTAL II:  
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NESSE PERÍODO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Letras.

Área de concentração: Aquisição de Linguagem.

**Orientadora:** Profa. Ms. Luana Anastácia Santos de Lima.

**GUARABIRA-PB  
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

S586p Silva, Kyanne Maria Alves.  
O processo de aquisição de LI no Ensino Fundamental II  
[manuscrito] : dificuldades de aprendizagem nesse período /  
Kyanne Maria Alves Silva. - 2017  
73 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras  
Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2017.

"Orientação : Profa. Ma. Luana Anastácia Santos de Lima ,  
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Língua Inglesa . 2. Ensino Fundamental II . 3. Ensino .  
4. Aprendizagem.

21. ed. CDD 371.102

**KYANNE MARIA ALVES SILVA**

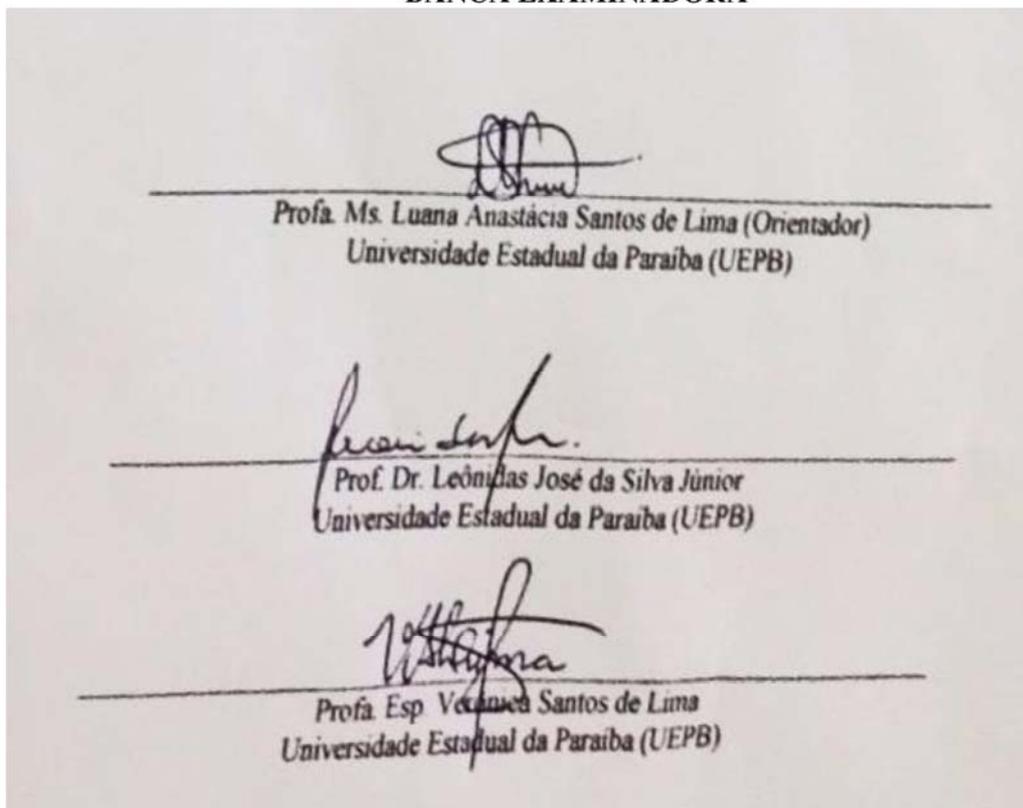
**O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE LI NO ENSINO FUNDAMENTAL II:  
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NESSE PERÍODO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Letras.

Área de concentração: Aquisição de Linguagem.

Aprovada em 02 de agosto de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**



Dedico este trabalho a Deus, que me deu sabedoria e forças para a sua realização. Aos meus queridos avós, João e Rosirene pelo amor e dedicação e em especial a minha mãe Cícera, fonte de inspiração e a quem amo tanto.

## **AGREDECIMENTOS**

Agradeço a Deus, que em sua infinita bondade iluminou os meus caminhos, guiou meus passos e me concedeu inteligência necessária para a concretização desse sonho.

A meus avós, pelo carinho e compreensão a mim concedido durante esta longa caminhada.

A minha mãe pelo apoio, inspiração e por estar ao meu lado em todos os momentos.

A todos os professores que contribuíram direta ou indiretamente na construção do meu aprendizado.

A minha orientadora Luana Anastácia Santos de Lima por seus ensinamentos, orientação e dedicação na realização deste trabalho.

Aos meus colegas de classe, pelas palavras amigas e pelos momentos prazerosos que compartilhamos juntos.

A minha amiga Stéfanny Gabriele, pelos maravilhosos conselhos nos momentos em que mais precisei.

A toda equipe da UEPB, em especial, a coordenação do curso de Letras.

A todos, meus sinceros agradecimentos.

Quanto mais internacional esta língua for, mais acesso direto a comunidade terá às informações tecnológicas, científicas e culturais da humanidade (GAGNÉ, 2002. P.182).

## RESUMO

Diante de um mundo em constante transformação, a aprendizagem da língua inglesa se constitui algo primordial. Sendo assim, exige-se, cada vez mais do indivíduo, o domínio da mesma para que este possa se inserir e tornar-se um cidadão reflexivo, crítico e atuante na sociedade contemporânea, sendo capaz de acompanhar e lidar com o processo de evolução da humanidade. Desse modo, o presente trabalho pretende discutir de forma elucidativa como ocorre o processo de aquisição de uma segunda língua, mais especificamente o inglês no ensino fundamental II das instituições públicas de ensino, bem como, expor as dificuldades enfrentadas pelos docentes e discentes no âmbito escolar com relação ao ensino/aprendizagem desse idioma, além do mais, esta pesquisa mostra que mesmo atravessando um período difícil, o ensino da língua inglesa pode ser melhorado se houver a participação e a colaboração de todos: família, escola, docentes, discentes e a sociedade em geral. Para tanto, utilizou-se como bases teóricas, entre outros, os estudos de autores como Leffa (2009), PCN's (1998), Paiva (2005) e Oliveira (2014).

**Palavras-Chave:** Língua Inglesa, Ensino Fundamental II, Ensino e aprendizagem.

## **ABSTRACT**

Faced with a world in constant transformation, learning the English language is paramount. Therefore, it is increasingly required of the individual, the domain of the same to the present, can be inserted and become a reflexive, critical and updating citizen in contemporary society, being able to follow and deal with the process of evolution Of Humanity. In this way, the present work intends to discuss in an informative way how the acquisition process of a second language, but specifically English in the elementary education II of the public educational institutions, as well as expose as difficulties faced by teachers and students The teaching of the language Can be improved if there is participation and collaboration of all: family, school, teachers, students and society in general. To emphasize this research, it is used as theoretical bases of the studies of authors like Leffa (2009), PCN's (1998), Paiva (2005) e Oliveira (2014).

**Keywords:** English Language, Elementary Education, Teaching and learning.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

L2 – Segunda Língua

LM – Língua Materna

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LI – Língua Inglesa

PCN's - Parâmetros Curriculares Nacionais

AGT - Abordagem da Gramática e da Tradução

AD - Abordagem Direta

AL - Abordagem para a Leitura

AO - Abordagem Oral

AAL - Abordagem Audiolingual

PNLD - Programa Nacional de Livro Didático

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2. PROCESSO DE AQUISIÇÃO DO INGLÊS COMO L2 (SEGUNDA LÍNGUA): TEORIA E PRÁTICA.....</b>	<b>14</b>
2.1 Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de Língua Inglesa no Ensino Fundamental: por uma prática inclusiva.....	17
2.2 Teorias e Abordagens de Aquisição de L2: breve histórico do ensino de línguas no Brasil.....	20
<b>3. O ENSINO DE L2 NA REDE PÚBLICA DE ENSINO: METAS, DESAFIOS E IMPEDIMENTOS.....</b>	<b>27</b>
3.1 Importância do processo de ensino e aprendizagem de Inglês como L2 no ensino fundamental II.....	33
<b>4. METODOLOGIA.....</b>	<b>36</b>
<b>5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>37</b>
5.1 Descrição das repostas dos Docentes.....	38
5.2 Descrição das repostas dos Discentes.....	41
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>49</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Desde as antigas civilizações até os dias atuais, os indivíduos sentem a necessidade e o desejo de aprender outras línguas. Em decorrência desse crescente anseio, evidenciou-se que a língua inglesa é tida como a “preferida” em relação às demais línguas, uma vez que a mesma tem se destacado, assumindo uma grande proporção no cenário mundial e influenciando milhões de indivíduos, além do mais, está presente em inúmeras situações do nosso cotidiano. É bastante comum encontrarmos no nosso dia a dia palavras ou expressões escritas em inglês inclusive em produtos alimentícios, embalagens, anúncios, materiais escolares e até mesmo na internet.

A língua inglesa tem se configurado como a língua mais utilizada para interagir com diferentes indivíduos e culturas, isto é, o inglês tem se tornado cada vez mais a língua da comunicação mundial e sua aprendizagem implica em o indivíduo tornar-se um cidadão independente, capaz de pensar e ter consciência do que está acontecendo ao seu redor, bem como, contribuir na construção de um mundo melhor. Os PCN’s (1998, p. 19) afirmam que “A aprendizagem de Língua Estrangeira é uma possibilidade de aumentar a auto percepção do aluno como ser humano e como cidadão”.

Com a expansão desse idioma, seu aprendizado vem se tornando imprescindível para que o indivíduo se torne capacitado e qualificado para inserir-se no mundo social em que vivemos, pois quem estiver mais bem preparado terá maiores oportunidades de participar dessa sociedade tão exigente, principalmente ingressar no mercado de trabalho. Além disso, poderá se comunicar de igual para igual com outros indivíduos minimizando assim as diferenças existentes nesse contexto social, ou seja, ter conhecimento de uma língua estrangeira no caso o inglês é ter um passaporte para fazer parte dessa sociedade e não correr o risco de ser excluído ou ficar à margem da mesma.

Por ser um idioma de grande relevância, o inglês vem sendo alvo de estudos em busca de meios e recursos que proporcione um ensino eficaz, entretanto, professores e alunos ainda encontram muitas dificuldades no ensino/aprendizagem do mesmo.

Diante disso, surge a necessidade de descobrir quais as dificuldades encontradas pelos docentes e discentes durante o processo de ensino/aprendizagem de uma nova língua mais especificamente da língua inglesa no ensino fundamental II. Além de contribuir de forma significativa para a escolha do presente tema, essa problemática abriu espaço para se refletir sobre as dificuldades encontradas pelos discentes e docentes

no processo de aquisição<sup>1</sup> da língua inglesa, assim como, compreender como ocorre o processo de aquisição de uma segunda língua nessa faixa etária e sugerir metodologias que melhorem o desenvolvimento cognitivo no processo de aquisição da mesma.

Com relação à divisão do trabalho, o mesmo está dividido da seguinte forma: no segundo capítulo abordaremos o processo de aquisição do inglês como L2 (Segunda Língua): teoria e prática. No terceiro falaremos sobre o ensino de L2 na rede pública de ensino: metas, desafios e impedimentos. O quarto abrange desde a metodologia até a análise e discussão dos dados coletados. Por fim considerações finais e referências bibliográficas.

---

<sup>1</sup> Há, na literatura da área, distinção entre os termos aquisição e aprendizagem, na qual a aquisição é adquirida subconscientemente e a aprendizagem ocorre conscientemente em contextos monitorados.

## **2 PROCESSO DE AQUISIÇÃO DO INGLÊS COMO L2 (SEGUNDA LÍNGUA): teoria e prática**

O estudo relacionado à aprendizagem de uma língua estrangeira<sup>2</sup> é considerado por muitos pesquisadores e estudiosos da área como sendo um estudo recente. Para esse tipo de estudo, foi empregado o termo aquisição de segunda língua (doravante L2) aparentemente um termo de fácil entendimento e significado claro, mas que merece alguns esclarecimentos.

Apesar de se tratar de estudos recentes, a aquisição de uma L2 já existia e, portanto, já fazia parte da história. Muitos estudiosos (GASS & SELINKER, 2008; ELLIS, 1997), acreditam que essa área do conhecimento se desenvolveu e se ampliou a partir da década de 1960, porém, para outros pesquisadores (THOMAS 1988; BLOCK, 2003), é difícil estabelecer uma data exata. Em virtude da inexatidão acerca do período em que esse processo passou a ser estudado, tais estudiosos consideram pertinente afirmar que isso ocorreu entre as décadas de 1940 e 1950, decorrentes da globalização e do avanço tecnológico.

Durante e após a Segunda Guerra Mundial (1941-1945), a necessidade da utilização de uma L2 era muito intensa, uma vez que era importante que a comunicação entre pessoas de diferentes países e culturas ocorresse de forma clara, a fim de que não houvesse dúvidas sobre o que estava sendo dito, bem como ter o domínio da mesma, para a comunicação com aliados e controle de inimigos. Para que isso ocorresse, era necessário o incentivo do governo norte-americano em cursos especializados, qualificando assim profissionais renomados da época, como Leonard Bloomfield (1887-1949), considerado o fundador da linguística estrutural norte-americana, e Charles Fries (1887-1967).

No que diz respeito ao processo de aprendizagem de outras línguas que não a língua materna (doravante LM) - também conhecida como idioma materno, língua nativa ou primeira língua - estudiosos como Auerbach (1993) e Harbord (1992) supõem que a LM, além de exercer forte influência na aprendizagem de uma nova língua, também pode proporcionar benefícios no momento de sua aprendizagem. Diante disso, Auerbach (1993) afirma que a LM contribui para a redução da ansiedade e do medo que

---

<sup>2</sup>É necessário ressaltar que, neste trabalho, o termo língua estrangeira será tratado como sinônimo de segunda língua.

o educando possui ao entrar em contato com a língua alvo e ajudá-lo na compreensão de determinadas sentenças, assim, o mesmo se sentirá mais seguro, sabendo que poderá utilizar a LM quando necessário. Corroborando com esse pensamento Harbord (1992) também enfatiza que a LM é um meio pelo qual poderemos desenvolver as habilidades de pensamento e comunicação, além disso, a LM oportunizará ter conhecimento sobre a gramática universal de maneira direta. No entanto, existem aqueles que defendem que a aquisição de uma L2 pode ser prejudicada se sofrer influência da LM.

Nesse sentido, Mello (2004) ressalta que não devem ser utilizadas línguas distintas para transmitir o mesmo conteúdo. A utilização de duas línguas poderá confundir os aprendizes, o que conseqüentemente influenciará na compreensão do que está sendo estudado na L2, pois, diante de alguma dificuldade os aprendizes poderão buscar apoio na LM, e assim, minimizará o esforço no aprendizado do idioma estudado. Mattioli (2004) também corrobora essa perspectiva e frisa que em razão dos aprendizes não disporem de muito tempo para exercitar e praticar a língua alvo, a utilização da mesma deverá ser maximizada na sala de aula.

Entretanto, é necessário ter em mente que a LM poderá influenciar tanto de forma positiva quanto negativa. Todavia, é necessário saber o momento adequado para a sua utilização, precisando ser levado em conta aspectos como: experiência que o aluno tem com o idioma, os conhecimentos que ele tem sobre a língua, qual o período que está cursando e a quantidade de aulas que já participou, entre outros.

No caso de indivíduos iniciantes, à medida que forem se familiarizando com a língua poderá se minimizar o uso da LM, até chegar a um determinado momento em que eles não precisarão do auxílio da mesma, focando apenas na língua alvo. Porém, descartar totalmente a LM poderá acarretar no aprendiz certa dificuldade que possivelmente o impedirá de sentir prazer na atividade que terá de realizar, o que é fundamental para facilitar sua aprendizagem.

Na maioria das vezes, o uso da LM se faz necessário nas aulas de L2, pois em várias situações o aprendiz não consegue articular o pensamento e transmitir determinada mensagem na língua estudada. Assim sendo, o uso da LM poderá ajudar o docente a compreender a mensagem emitida e, conseqüentemente, ajudar o discente a transmiti-la em L2. Todavia, é importante que o docente incentive e estimule a utilização da língua estudada pelo aprendiz (no caso, o inglês), pois isso poderá contribuir para um melhor desempenho na aprendizagem do idioma.

Compreende-se, de forma geral, o ensino de uma L2 como um processo pelo qual o aluno passa a ter o conhecimento de um universo linguístico pertencente à outra língua/cultura que não a sua. Esse processo está intimamente relacionado a dualidade teoria/prática. Pode-se definir, então, a vertente teórica como aquela que aprendemos formalmente ao longo da nossa vida acadêmica e a prática que é construída nas experiências do dia-a-dia.

Nesse contexto, Ponzoni (2009) reitera que no processo de ensino e aprendizagem de línguas, um dos assuntos mais discutidos é justamente a relação teoria e prática. Contudo, nem sempre essas duas vertentes caminham juntas, o que faz com que a reflexão crítica sobre o processo pedagógico, em geral, encontre dificuldades para acontecer. Dessa maneira, o professor torna-se um mero vetor de conhecimentos, incapaz de desenvolver o senso crítico e beneficiar sua formação e a de seu aprendiz.

No decorrer da formação dos professores, a relação teoria/prática pode e deve ser constituída, uma vez que, durante esse período os mesmos têm a oportunidade de vivenciar as duas esferas, o que traz inúmeras visões sobre o campo educacional. O conhecimento teórico adquirido no decorrer da formação, interligados aos contatos iniciais da prática, deveriam convergir, ou seja, depender um do outro, lembrando que só é possível obter um bom êxito no campo educacional, se houver a parceria de ambos (LIMA & PESSOA, 2010).

São muitas as dificuldades que podem ser encontradas no contexto de ensino para explicar a falha na relação entre teoria e prática. Entretanto, devemos considerar os vários fatores que existem em sala de aula, que podem contribuir para o sucesso e/ou o insucesso das aulas. Sendo assim, com relação ao ensino de L2, Leffa, (2006, p. 2) afirma que

A aprendizagem de uma língua é, portanto, um fenômeno duplamente complexo. É complexo internamente, nas relações que precisa estabelecer entre os elementos do sistema linguístico (a fonologia com a morfologia, a sintaxe com a semântica, a fonologia com o discurso, a prosódia, por exemplo, pode estar intimamente relacionada com a posição do sujeito na interação com o outro, e assim por diante); e é também complexo externamente, nas relações que estabelece com outros sistemas (LEFFA, 2006, p. 2-3).

O ensino das quatro habilidades é um exemplo da complexidade e discrepância entre teoria e prática. Na maioria das vezes, falar, ouvir, ler e escrever são as quatro habilidades que se complementam para compor o processo de ensino de L2. Assim, no ensino de L2, geralmente os professores enfatizam apenas uma ou duas dessas habilidades, tornando as demais irrelevantes e fazendo com que essas divisões se

tornem superficiais. Porém, são documentos como os PCN's (BRASIL, 2008) que norteiam o agir do professor e são usados como uma espécie de manual que auxiliam a prática docente do mesmo.

## **2.1 Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de Língua Inglesa no Ensino Fundamental: por uma prática inclusiva**

Em muitos países da América, Ásia, África e Oceania, a Língua Inglesa (doravante LI) se expandiu a partir da revolução industrial e do processo de colonização desses países. Em meados do século XX, os Estados Unidos, tido como superpotência mundial, assegurou a solidificação da LI como global, mesmo tendo sido a Grã-Bretanha o primeiro país a estabelecer esse idioma como língua internacional.

O inglês é tido como língua oficial em vários países como Estados Unidos, Canadá, Grã-Bretanha, Austrália, Irlanda, dentre outros. O avanço da tecnologia, o aumento do fenômeno da globalização mundial e a necessidade de uma língua eficiente, fizeram com que o inglês se tornasse a língua mais falada entre povos e nações e, em decorrência disso, a mesma se tornou a língua da comunicação mundial. Assim, ter conhecimento e possuir domínio sobre essa língua implica ter desenvolvimento pessoal, profissional e cultural, ou seja, ter a garantia de um futuro promissor.

De forma geral, o inglês proporciona um leque de possibilidades e auxilia na compreensão do que está acontecendo ao nosso redor, pois o mesmo está presente em atividades simples do nosso dia-a-dia, desde um anúncio na televisão até mesmo ao fazer uma simples compra no supermercado. Por isso, pode-se dizer que o ensino de uma L2 tem um caráter inclusivo, uma vez que proporciona ao falante o domínio de uma outra língua, ao mesmo tempo que o inclui num contexto amplo das práticas comunicativas como um todo.

Nesse contexto, o ensino de L2 na escola, sobretudo o inglês, principalmente na rede pública de ensino, é visto como primordial e vem sendo alvo de discussões nos setores acadêmicos e educacionais. Anteriormente, essas discussões eram voltadas para a permanência dessa disciplina nas grades curriculares. Entretanto, com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) lei nº 9.394/96, a disciplina de uma L2 tornou-se obrigatória no ensino fundamental a partir do quinto ano. Dessa forma, a discussão é centrada na escolha da língua que a instituição pode disponibilizar e não na sua inclusão.

Enquanto a LDB tornou obrigatório o ensino de L2 na educação básica, os PCN's - documentos elaborados para tornar público os princípios da reforma curricular, apontam objetivos educacionais para o processo ensino-aprendizagem da mesma e orientam sobre as habilidades que o estudante deve desenvolver ao estudar uma L2, além de auxiliarem as escolas e os professores na procura de novos métodos e abordagens. Nesse sentido, os PCN's (BRASIL, 2000, p.4) afirmam que:

Traçam um novo perfil para o currículo, apoiado em competências básicas para a inserção dos jovens na vida adulta; orientam os professores quanto ao significado do conhecimento escolar quando contextualizado e quanto à interdisciplinaridade, incentivando o raciocínio e a capacidade de aprender.

Tais documentos são mecanismos que servem como âncora para que ocorra uma ação reflexiva de professores e instituições de ensino. Sendo assim, os mesmos podem e devem ser consultados regularmente pelos professores e escolas para aperfeiçoar de forma significativa suas práticas. Eles apontam todos os aspectos importantes no ensino de L2, nos quais são encontrados inúmeros subsídios para uma educação pautada nos interesses dos alunos, como: ampliação das capacidades comunicativas, desenvolvimento cultural, percepção das diversas formas de comunicação e da variedade dialetal, adaptação linguística levando em consideração o ambiente em que está inserido.

Seguindo essa linha de pensamento, é importante ressaltar que as aulas de L2 devem ir além de uma simples repetição da gramática propriamente dita, isto é, podem ser extremamente ricas e, assim, possibilitar que alunos construam e reconstruam seus conhecimentos culturais e linguísticos. Os PCN's (BRASIL, 2006, p. 91) enfatizam que "(...) a disciplina Línguas Estrangeiras na escola visa ensinar um idioma estrangeiro e, ao mesmo tempo, cumprir outros compromissos com os educandos, como, por exemplo, contribuir para a formação de indivíduos como parte de suas preocupações educacionais".

Nesse contexto de formação, quando nos referimos ao ensino de L2, não podemos deixar de mencionar o papel de extrema importância que o professor desempenha nesse processo. Diante disso, os PCN's, como já mencionado acima, preocuparam-se em determinar leis que orientassem o trabalho do professor em sala de aula. Dessa forma, foi publicada em 1998 a "Carta ao Professor", de acordo com a qual, os PCN's foram criados com o intuito de "respeitar as diversidades regionais, culturais e

políticas existentes no país” e também “construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras” (BRASIL, 1998, p.5).

Ao se deparar com uma sala de aula do ensino fundamental II, o docente de L2 deve estar preparado para os desafios que nela encontrará, pois como afirmam os PCN’s (*op. cit.*), além de todas as mudanças que ocorrem do ciclo anterior para este (horário organizado por disciplinas ministradas por diversos professores, condutas e abordagens diferenciadas), para muitos alunos este será o primeiro contato que terão com essa disciplina.

Conforme os PCN’s, dentre os desafios com os quais o professor de L2 se depara, o desenvolvimento de um trabalho escolar que objective agregar tanto os conhecimentos dos alunos à nova disciplina quanto oportunizar o acesso a novos conhecimentos, culturas e realidades, se torna o maior deles. Porém, esses desafios não devem servir como desculpa para se trabalhar nas aulas de L2 textos descontextualizados que explorem apenas os aspectos da gramática ou do vocabulário da língua que se deseja aprender, o que, na maioria das vezes, se resume a cópias, repetições e exercícios de tradução.

Assim sendo, o papel do professor centra-se em apresentar aos seus alunos a L2, assim como fazer com que eles compreendam a importância da língua como meio de interação social. Para que as atividades em sala de aula sejam bem-sucedidas, é necessário que o professor tenha uma postura de mediador do aprendizado da língua e também que haja respeito tanto de atitudes quanto de opiniões.

De acordo com as ideias de Vygotsky (1998), a linguagem e o processo histórico-social são fatores que desempenham um papel de extrema importância no desenvolvimento do sujeito. Além disso, o referido autor afirma que este sujeito adquire conhecimento interagindo com o outro e com o meio em que está inserido, isto é, aprende interagindo com o meio sociocultural. Sendo assim, o mesmo acontece com o processo de ensino-aprendizagem de uma L2.

Para Vygotsky, existe uma interligação entre aprendizagem e conhecimento, pois é pela aprendizagem que os processos internos de desenvolvimento humano são desencadeados, embora o desenvolvimento sofra alguma influência do processo de maturação de cada indivíduo. Por isso, dizemos que o processo de aprendizagem de uma L2 varia de acordo com a pessoa, pois cada um apresenta um processo de maturação das informações individual.

Nos PCN's fica evidente a importância que o professor tem para o processo de aprendizagem de uma L2 no contexto escolar, pois o mesmo é responsável em determinar relações e criar meios que integrem os conhecimentos de mundo e linguístico prévios dos alunos com este novo universo que é a aprendizagem de L2.

A partir desse momento, fica explícita a responsabilidade dada ao professor de buscar atividades que incluam esses alunos no processo ensino-aprendizagem da L2 e façam com que os mesmos reflitam sobre as descobertas linguísticas, estruturais, fonético-fonológicas, textuais, comunicativas e culturais que estão sendo feitas a respeito da língua e direcionar os mesmos a uma independência de aprendizagem, pois sem esta, se torna difícil evoluir no processo.

Ao nos referirmos à aprendizagem de uma L2, essa referência está relacionada à aprendizagem de qualquer L2, seja inglês, espanhol, francês ou outra língua. No entanto, entre esses idiomas, o que mais se destaca é o inglês por ser uma língua globalizada. Vejamos, a seguir, um breve histórico das teorias e abordagens de ensino de L2 no Brasil.

## **2.2 Teorias e Abordagens de Aquisição de L2: breve histórico do ensino de línguas no Brasil**

O ensino de L2 se intensificou, significativamente, ao longo do desenvolvimento da humanidade. Desde as antigas civilizações até os dias atuais, os indivíduos sentem a necessidade e o desejo de aprender outras línguas. Essa necessidade fez com que o ser humano buscasse meios de interação com outros povos e culturas. Conforme Chagas (1967, p. 105), o ensino oficial de L2 no Brasil teve início com a fundação do colégio Pedro II em 1837, de acordo com o qual

As línguas modernas ocuparam então, e pela primeira vez, uma posição análoga à dos idiomas clássicos, se bem que ainda fosse muito clara a preferência que se votava ao latim. Entre aquelas figuravam o francês, o inglês e o alemão de estudo obrigatório, assim como o italiano, facultativo; e entre os últimos apareciam o latim e o grego, ambos obrigatório (CHAGAS, 1967, p. 105).

Sendo assim, algumas dessas línguas foram retiradas como, por exemplo, o grego passando a ser dada mais ênfase às línguas francesas e inglesas, onde mantiveram seus prestígios durante a Reforma Capanema, em 1942.

Na maior parte do tempo, a língua francesa prevalecia sobre a língua inglesa, pelo fato de a primeira está fortemente inscrita na sociedade daquela época em decorrência da influência que a França causava em nossa cultura e ciência. Contudo, isso mudou na década de 20, com a vinda do cinema falado, que contribuiu fortemente para a imersão da LI em nossa cultura.

Com a necessidade de se aprender uma nova língua, em decorrência da dependência cultural e econômica que o Brasil estava vivendo sob o país tido como superpotência mundial (Estados Unidos), o inglês se tornou a língua mais almejada naquela época, e assim permanece até os dias atuais. Moura (1988, p.11) relata que na década de 40,

[...] o Brasil foi literalmente invadido por missões de boa vontade americanas, compostas de professores universitários, jornalistas, publicitários, artistas, militares, cientistas, diplomatas, empresários, etc. – todos empenhados em estreitar os laços de cooperação com brasileiros – além das múltiplas iniciativas oficiais (MOURA, 1988, p.11).

Portanto, essas missões trouxeram consigo a LI que, aos poucos, foi dominando o espaço pertencente à língua francesa. A LI desempenhava e desempenha um papel tão importante na nossa sociedade que foi até cantada através dos versos do cantor e compositor brasileiro Caetano Veloso “*Você precisa aprender inglês (...)...leia em minha camisa/ Baby, baby, I Love you*”.

No Brasil, o ensino sistematizado dessa língua surgiu a partir do decreto de 22 de junho de 1809, promulgado pelo príncipe regente de Portugal D. João VI que criou as escolas de língua inglesa e francesa. O decreto afirmava que:

[...] sendo, outrossim, tão geral e notoriamente conhecida a necessidade de utilizar das línguas francesa e inglesa, como aquela que entre as vivas têm mais distinto lugar, e é de muita utilidade ao estado, para aumento e prosperidade da instrução pública, que se crie na Corte uma cadeira de língua francesa e outra de inglesa (MOACYR, 1936, p.61).

De início, o ensino de LI no Brasil teve como finalidade a capacitação de profissionais brasileiros para suprir as necessidades do mercado de trabalho da época e acompanhar o desenvolvimento do país. Desde esse período, o Brasil vem permanecendo firme em manter as disciplinas de L2 no campo da educação pública.

Atualmente, essa disciplina se tornou indispensável na grade curricular tanto de escolas públicas quanto de escolas particulares.

Por ser uma língua que ganhou importância mundial, o inglês vem sendo alvo de grandes estudos, como por exemplo, a preocupação pela descoberta de métodos eficazes para a aprendizagem da mesma. Como já foi dito anteriormente, esses estudos vêm sendo desenvolvidos ao longo dos anos e discutidos por estudiosos para descobrir não só um método eficaz, mas também a melhor forma de se trabalhar com uma L2.

Com a preocupação de um ensino de línguas eficaz, foram surgindo no decorrer da evolução humana, teorias que contribuíssem para que o processo ocorresse da forma mais eficiente possível. Dessa forma, três teorias se destacaram a *behaviorista*, a *cognitivista* e a *sociointeracional*, as quais influenciaram as ideias modernas da aprendizagem de L2.

O início das décadas de 40 e 50 foi palco para o surgimento da teoria behaviorista, também conhecida como comportamental. Skinner foi o precursor dessa teoria que teve início a partir do aumento do interesse pelo ensino de L2. De acordo com a visão behaviorista, é através da aprendizagem de L2 que adquirimos novos hábitos linguísticos. Essa visão aplicada em sala de aula teve como consequência à utilização de métodos que ressaltava o uso de atividades de repetição e substituição, no qual o processo de ensino e o professor eram os focos principais dessa visão.

Na maioria das vezes, era necessária cautela quando se tratava da aprendizagem de L2, pois a mesma teria que ocorrer de forma adequada, caso contrário, se houvesse algum erro na produção do aluno, esse erro provavelmente teria se originado da incoerência dos métodos de ensino, e os mesmos teriam que ser excluídos ou corrigidos de imediato, para não afetar outros aprendizes. Em outras palavras, a visão behaviorista estava relacionada à aprendizagem de um ensino de correção.

Enquanto a visão behaviorista concentra seu foco no ensino e no professor, a visão cognitivista, que teve como precursor Jean Piaget tem como pontos principais o ensino e a aprendizagem para o aluno e os meios utilizados para a aprendizagem de L2. Nesse sentido, compreende-se que a mente humana está preparada cognitivamente para aprender uma nova língua.

Ao se deparar com a aprendizagem de uma L2, o aluno utiliza todo o conhecimento adquirido ao longo de sua vida sobre as regras de sua própria língua, para construir hipóteses a respeito da língua alvo, possibilitando assim que o mesmo a coloque à prova através da comunicação, dentro ou fora da sala de aula. Diferentemente

da visão behaviorista, a cognitivista considera os erros como parte do processo de aprendizado do aluno, sendo análogo ao ditado popular o qual afirma que “é errando que se aprende”. Seguindo essa linha de pensamento, os erros não são vistos como algo ruim, mas sim como uma forma de confirmar a tentativa de aprendizagem do aluno. Além disso, esta corrente também chama a atenção para outro ponto importante que são as diferentes maneiras de aprendizagem que os indivíduos possuem, ou seja, nem todo indivíduo aprende da mesma forma.

Como já explicitado acima, cada teoria tem seu foco e com a teoria sociointeracional, que teve como precursor Vygotsky, não é diferente. Seu foco principal está voltado para a interação entre professor e aluno e os alunos entre si, ou seja, nessa visão, a aprendizagem se dá por meio da interação entre indivíduos tornando a aprendizagem mais espontânea e, conseqüentemente, prazerosa. No entanto, essa interação deve ter a participação de um parceiro para auxiliar na construção do conhecimento e significados acerca da nova língua. Esse parceiro pode ser um professor interagindo com seu aluno ou até mesmo um adulto com relação a uma criança.

Em pleno século XXI, os professores de inglês possuem inúmeras ferramentas para a descoberta de métodos inovadores que tornem as suas aulas mais ricas e dinâmicas, e isso só é possível devido ao avanço tecnológico e aos mais variados subsídios teóricos proporcionados na atualidade. Muitas vezes, toda essa demanda de informação causa estranheza e preocupação, já que, antes, tudo era mais simples, pois o método seguido era o que estava no auge, desconsiderando se era o método “certo” ou “errado”.

A preocupação pela escolha do método certo e eficaz sempre fez parte do cotidiano de um profissional da área da educação, mais especificamente de um profissional de L2. Porém, sabemos que uma boa parte desses profissionais prefere optar por um “método próprio” e que, em sua concepção, supra suas necessidades e a de seus alunos dentro e fora da sala de aula. Mesmo assim, é importante que o professor recorra sempre que necessário a documento como os PCN’s, por exemplo, para descobrir novas metodologias, a fim de tornar suas aulas mais interativas e diversificadas, chamando assim a atenção dos alunos.

Possuir conhecimentos sobre teorias, métodos e abordagens para o ensino de novas línguas, implica ter suporte teórico para que as aulas de L2 sejam bem-sucedidas, como bem coloca Oliveira (2014), o qual explicita os principais métodos de ensino de

LI em seu livro intitulado *Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias*. Nessa obra o autor expõe os seguintes métodos<sup>3</sup>:

- *Abordagem da gramática e da tradução (AGT)*: Considerada a mais antiga e tradicional abordagem do ensino de línguas, surgiu na época do renascimento e, atualmente, ainda é empregada mesmo tendo recebido inúmeras críticas por desprezar o foco da oralidade e utilizar como fonte de pesquisa livros, fazendo com que os docentes não necessitem dominar a língua alvo, mas apenas sua gramática. Essa abordagem consiste no ensino da segunda língua de acordo com a primeira, todos os informes são dados com base na língua materna desde a construção de frases até explicação de textos. Seu foco está na escrita deixando de lado a questão da pronúncia e entonação, ela também é dedutiva e o seu objetivo é fazer com que os discentes sejam apreciadores da cultura e literatura da L2.
- *Abordagem direta (AD)*: De acordo com evidências, essa abordagem surgiu no século XVI em resposta à AGT, a mesma é tida como a segunda mais antiga ficando atrás somente da AGT. O ensino da AD é pautado na aprendizagem da língua alvo através da própria língua alvo, ou seja, nessa abordagem é desnecessário o uso da língua materna e também da tradução, pois a transferência de informações ocorre através da expressão corporal (gesto) e imagens. A AD é defensora da ideia de que, se o aluno conseguir “pensar na língua alvo”, conseqüentemente, o mesmo conseguirá aprendê-la. A oralidade, frases e textos que demonstram situações do cotidiano são utilizados nessas aulas, dando pouca ênfase à questão gramatical.
- *Abordagem para a leitura (AL)*: Tem como finalidade promover e dar ênfase ao gosto pela leitura. Uma vez desenvolvida, essa habilidade pode proporcionar diversos benefícios como o aumento do vocabulário através de textos lidos,

---

<sup>3</sup>Além dos primeiros métodos e dos métodos comunicativos, existem também os métodos alternativos que são: o Silent Way, Suggestopedia (Reservopedia), TPR – Total Physical Response, Ensino de Línguas Baseado em Competências e CLL – Community Language Learning. Porém, como esse não é o foco principal do presente trabalho, não focaremos nos mesmos. Para uma leitura complementar sobre os referidos métodos, consultar a obra do autor Oliveira (2014).

porém para que isso ocorra, devem ser proporcionadas situações que envolvam a leitura tanto no âmbito escolar quanto fora dele. Na AL, o predomínio de atividades escritas e os questionários feitos a partir de textos fazem com que o foco na pronúncia seja deixado de lado. Com relação à questão gramatical, limita-se apenas à colaborar no momento da compreensão textual.

- *Abordagem Oral (AO)*: Desconhecida por muitos, essa abordagem se originou a partir da AD, com o intuito de desenvolver a oralidade dos aprendizes, além disso, algumas ideias também contribuíram para seu surgimento como, por exemplo, a de conter o vocabulário e as regras gramaticais apreendidos pelos discentes.
- *Abordagem audiolingual (AAL)*: Se originou na segunda Guerra Mundial, em consequência da necessidade que o exército possuía em formar falantes fluentes em um curto espaço de tempo. Consiste, basicamente, na repetição de diálogos, em que os discentes terão que ouvir e, em seguida, repetir de forma oral. Defende que a língua é a fala e não a escrita, e que os estudantes devem ser expostos a língua alvo. Sendo assim, na AAL a ênfase era dada somente a língua oral, pois se acreditava que uma segunda língua era aprendida da mesma forma que a língua materna, onde se aprende primeiro a ouvir e falar e em seguida ler e escrever.

No período de 1970, a preocupação em buscar o método ideal para o ensino de L2, ainda permanecia. Vários linguistas aplicados britânicos visualizaram o ensino de L2 centrado na comunicação, isso porque com o fortalecimento do Mercado Comum Europeu, em 1957, e a criação do conselho da Europa, em 1974, foi necessário que os adultos aprendessem as línguas européias consideradas mais importantes, de acordo com a visão econômico-política, com o intuito de assegurar o bloco geopolítico que estava se formando.

Os anos de 1970 e 1980 foram testemunhas da expansão de métodos comunicativos tanto na Europa como fora dela. O ensino de L2 foi alvo de muitas discussões, esse cenário serviu como pano de fundo para o surgimento de algumas propostas comunicativas dentre as quais podem ser citadas:

- *Abordagem Natural*: Desenvolvida em 1970, engloba quatro princípios. O primeiro mostra que a compreensão ocupa o lugar central, por isso, as aulas devem girar em torno da mesma. O segundo mostra que a aprendizagem pode ser influenciada por fatores afetivos, esses fatores podem interferir no desenvolvimento das habilidades dos aprendizes. O terceiro revela que a gramática não é o centro, ou seja, a mesma não ocupa o lugar central. O quarto aponta que a língua é um mecanismo de comunicação.
- *Abordagem Baseada em Tarefas*: Delineou-se nos anos entre 1979 e 1984 na Índia e se fortaleceu no período de 1990. Nessa abordagem, a gramática não ocupa o lugar central e seu foco está na utilização da língua como principal componente, para se aprender uma L2. Seu objetivo é fazer com que o aprendiz utilize a língua partindo de seus conhecimentos prévios, não incentivando a utilização de estruturas gramaticais e vocabulários específicos. Essa abordagem apresenta um módulo composto por três fases que são: *fase da pré-tarefa* (primordial para que a tarefa seja realizada), *ciclo da tarefa* (as tarefas são realizadas pelos aprendizes) e *foco na língua* (os componentes gramaticais, fonológicos e lexicais serão alvo de análises, discussões e prática por parte dos aprendizes).
- *Abordagem Lexical*: Proposta no período de 1990, nessa abordagem a gramática não é priorizada e o léxico (vocabulário) ocupa o lugar central, ou seja, as aulas devem girar em torno do léxico. Esta proposta metodológica focaliza as capacidades receptivas, leitura e principalmente a compreensão oral.
- *Abordagem Comunicativa*: A aprendizagem se dá por meio da utilização da língua e pela interação, focando no discurso ao invés da forma, pois é necessário que o aprendiz tenha além do conhecimento sobre gramática, saiba utilizar a língua socialmente. Na abordagem comunicativa, os textos verdadeiros (autênticos) ocupam o espaço de frases descontextualizadas. A finalidade dessa abordagem é promover a interação além de desenvolver as habilidades de ouvir, falar, ler e escrever.

- *Abordagem Comunicativa Intercultural*: No período de 1950 já havia preocupação com o lugar que as questões culturais ocupariam no ensino de línguas, mas foi só a partir da década de 1980, que a preocupação com a comunicação cultural impulsionou o surgimento da abordagem comunicativa intercultural, que tem a finalidade de auxiliar os aprendentes no desenvolvimento tanto de sua competência comunicativa, bem como, sua competência comunicativa intercultural.

Apesar de todo esse arsenal de métodos, técnicas e abordagens disponíveis, o ensino de L2 ainda sofre muitos desafios e impedimentos, sobretudo, no que diz respeito ao processo de ensino de L2 na rede pública de ensino.

### **3. O ENSINO DE L2 NA REDE PÚBLICA DE ENSINO: metas, desafios e impedimentos**

Como já citado anteriormente, no Brasil, devido ao surgimento e desenvolvimento do comércio e para garantir a instrução pública, a população brasileira passou a ter acesso à LI no currículo, potencializando, dessa forma, o contato com a LI, a partir da instrução formal através do professor, além do surgimento de escolas. A esse respeito, Veroneze & Carvalho (2008) ratificam que o ensino de L2 surgiu desde as primeiras tentativas de colonização do Brasil, com a preocupação com o ensinar. Além disso, os referidos autores ainda complementam que “somente com a chegada da família real ao Brasil, as línguas modernas começaram a ser valorizadas e, em 1809, o inglês e o francês foram implementados com o objetivo de melhorar a instrução pública e atender às demandas comerciais com a abertura dos portos”.

No Brasil, o ensino da LI é regimentado através de várias esferas que possui um padrão não centrado, porém as duas importantes esferas que tomam decisões e organizam as regras para a educação básica brasileira são: a esfera federal, através da constituição federal, parâmetros curriculares nacionais e a LDB e as esferas estaduais e municipais, através dos departamentos de educação dos estados e municípios.

A constituição federal garante o acesso e universalização do ensino básico no país, porém, não controla a sua oferta. Esta tarefa é executada pela LDB, ela também determina a responsabilidade da união, estados e municípios com relação ao ensino básico brasileiro. Diferentemente da LDB, os Parâmetros Curriculares Nacionais desempenham um papel norteador, ou seja, indica as secretarias estaduais e municipais e o caminho a ser seguido, com relação ao conteúdo que será ministrado nas disciplinas no decorrer de cada ano letivo. Dentro da esfera federal, também está inserido o PNLD (Programa Nacional de Livro Didático), programa que fornece acesso a materiais didáticos grátis para a rede pública de ensino no Brasil. A LI também faz parte do PNLD, desde 2011, com livros denominados “*English for All*”, “*Globetrekker*”, “*On Stage*”, “*Prime*”, “*Take Over*” e “*Upgrade*”.

Não existe nenhuma lei na esfera federal que obrigue o ensino de inglês nas escolas públicas, e isso faz com que algumas instituições escolares não disponibilizem o ensino dessa língua e, conseqüentemente, impeçam que os discentes desenvolvam competência na língua.

As esferas estaduais e municipais possuem livre arbítrio para proceder da melhor forma possível com relação ao ensino de L2, desde que sigam as orientações indicadas pelos PCN's e pela LDB. Elas também podem determinar qual língua será lecionada nas escolas públicas, a quantidade de aulas ministradas, sua carga horária, as habilidades que serão ensinadas, entre outros.

Por estar inserida na parte diversificada da Base Curricular Comum, o ensino de L2 deve se adequar ao meio social em que está imerso, levando em consideração não somente o ambiente, mas também o nível de saberes dos discentes. Todavia, algumas instituições preferem oferecer o ensino de outra L2 ao invés de inglês. Na maioria das vezes, a L2 se torna apenas um complemento curricular, por fazer parte desse meio diversificado, ficando evidente ao compararmos a carga horária das demais disciplinas em relação à da L2.

Contudo, o inglês é a L2 mais requisitada no currículo do sistema educacional brasileiro, pelo fato de ser considerada uma língua universal, sem fronteiras e, na verdade, “uma epidemia que contaminou 750 milhões de pessoas no planeta”, não sendo diferente no contexto escolar (PAIVA, 2005, p. 10).

Conforme explicitado acima, cada esfera tem seu objetivo e responsabilidade com relação à organização do sistema educacional brasileiro. Em nosso país, as crianças têm o dever de estudar pelo menos nove anos, sendo esse tempo considerado insuficiente para que elas tenham uma formação adequada e desenvolvimento da L2.

O sistema educacional<sup>4</sup> brasileiro está dividido em categorias, mais especificamente em três delas, e essas categorias estão subdivididas em graus. A primeira categoria é atribuída ao ensino fundamental que está dividido em duas etapas denominadas ensino fundamental I e ensino fundamental II, esse tipo de ensino é oferecido gratuitamente, além de ser obrigatório o estudo do mesmo. A segunda categoria é atribuída ao ensino médio, que tem duração de três anos, sendo disponibilizado de forma gratuita e tem o ensino de L2 (inglês e em alguns casos espanhol) incluído em seu currículo. A terceira categoria é denominada ensino superior. Nesse sentido a LDB art. 21 estabelece que “A educação escolar compõe-se de: I – Educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; II – Educação superior.”

É atribuído ao sistema do ensino público em geral, grande parte dos problemas que ocorre com a LI, atingindo, assim, escolas das redes públicas municipais e estaduais de todo país. Esses problemas ou dificuldades ocorrem devido ao número de aulas semanais serem considerados insuficientes, pouco tempo de duração das aulas, ambiente desfavorável para uma boa aprendizagem, número excessivo de alunos nas salas de aula, falta de materiais didáticos apropriados e que levem em consideração o contexto social em que os alunos vivem, professores incapacitados pelo “simples” motivo de não ter formação na área, baixos salários e conseqüentemente insatisfação por parte do professor devido o salário pouco satisfatório. Neste sentido, Lima (2009, p. 166) reitera que

Uma reclamação constante de professores de inglês é a pouca carga horária dedicada ao ensino de inglês nas escolas. Essa carga horária é fruto de uma cultura escolar que, por anos, entendeu a língua como conteúdo de importância marginal. [...] Além disso, professores precisam ser mais reivindicativos, exigir boas condições para a realização do seu trabalho. [...] Contudo, mais importantes serão as práticas pedagógicas inovadoras, coerentes com as necessidades dos nossos alunos, que possibilitem a exploração do potencial prático e educativo do ensino de LE (LIMA, 2009, p. 166).

---

<sup>4</sup> É importante enfatizar que o referido texto não contempla a atual reforma do ensino.

Além desses problemas, existe também a questão social que é de grande relevância quando nos referimos a educação, mais especificamente a parte que diz respeito a aprendizagem dos discentes. Um ambiente desprovido de infraestrutura, saneamento básico, boa alimentação e onde a violência reina tanto dentro como fora da escola, inibe o aprendizado do alunado e também o trabalho dos profissionais que atuam nesse âmbito.

O ensino de inglês nas instituições de ensino da rede pública brasileira vem sendo bastante criticado ao longo do tempo, muitos acreditam na impossibilidade de se aprender esse idioma dentro dessas instituições. Moita Lopes (1996) “assegura que o campo de ensino de línguas estrangeiras no Brasil tem sido vítima de uma série de mitos, oriundos da falta de uma reflexão maior sobre o processo”.

É importante salientar que o objetivo de ensinar e aprender uma segunda língua deve levar em consideração o momento histórico e cultural em que os aprendizes estão inseridos. Oliveira (2009, p. 23) afirma que

Entre os séculos IX e XIX, época em que viajar era uma atividade extremamente difícil, pela falta de meio de transportes rápidos e confortáveis, o contato entre as culturas comumente se dava por meio dos textos literários. Nada mais natural, portanto, do que o ensino de línguas estrangeiras voltado para o desenvolvimento da competência de leitura dos estudantes (OLIVEIRA, 2009, p. 23).

Sendo assim, em uma era, em que existem inúmeras condições impostas pela sociedade, o ensino e a aprendizagem da LI nas escolas públicas deve suprir as necessidades dessa sociedade exigente. Esse ensino e aprendizagem tem se ancorado apenas no ensino da gramática propriamente dita, sendo esse o provável motivo pelo qual, na opinião de muitos, o ensino da LI tenha se tornado entediante e até mesmo pouco interessante. Além do mais, pode também ser essa a razão pela qual o inglês vem enfrentando discriminações ao longo dos anos. De acordo com Ialago & Duran (2008, p. 5),

Embora diferentes situações sociais e econômicas tenham privilegiado ora um ora outro idioma, por muitos séculos, o estudo de línguas estrangeiras tem privilegiado a habilidade de leitura, baseando-se na compreensão dos fundamentos da gramática e na tradução. Esta forma de pensar o ensino de uma língua estrangeira foi derivada da

metodologia utilizada para o ensino de línguas clássicas como grego e o latim [...].

Na maioria das vezes, aprender uma L2 não é uma tarefa fácil. De acordo com Antunes (2007), a aprendizagem de uma língua se dá, em primeiro lugar, através de sua gramática e, posteriormente, pelo estudo de seu vocabulário.

Gramática é a ciência que estuda os componentes de uma língua e suas ligações, isto é, estuda a forma, a composição e todas as questões adicionais sobre as regras da língua. De acordo com Marcuschi (2000), a ideia de língua como um sistema de regras, prevaleceu até o período dos anos 50 do século XX, e esta ideia foi influenciada pelos estudos estruturalistas, cuja ênfase recaía nas análises fonológica, morfológica e sintática da língua.

Além de Marcuschi, outros autores viam a gramática como sinônimo de correção e o docente se caracterizava como ditador de regras. Na atualidade, o conceito de gramática vem mudando e seus estudiosos estão sendo mais cautelosos ao se referir a mesma, enfatizando a forma como ela é usada e não como deveria ser usada. Diante disso, percebe-se que alguns autores são contrários ao ensino de gramática, como afirma Amorim e Magalhães (1998, p. 131),

Os que a defendem dizem que a gramática é parte indissociável do idioma e que, portanto, não há como aprender uma língua estrangeira sem aprender gramática. Aqueles que a condenam argumentam que, se o estudo da gramática fosse mesmo essencial, as crianças não aprenderiam a falar antes de ingressarem na escola [...].

Em outras palavras, os autores que defendem a gramática afirmam que esta não se separa do idioma e que é preciso aprendê-la para poder aprender uma L2. Já os que a criticam, dizem que estudar gramática não é primordial, pois se fosse necessário, as crianças só aprenderiam a falar quando passassem a frequentar a escola.

Conforme Larsen-Freeman (2003 *apud* PAIVA, 2005), a gramática é uma competência e não uma área do conhecimento<sup>5</sup>. Por isso, é imprescindível atividades que estimulem o desenvolvimento da gramática, não somente para desenvolver tal competência, porém para assimilar conhecimento sobre a língua ou seu uso. Além disso, para a referida autora, a gramática é a quinta competência a ser desenvolvida pelo discente, ao lado da escrita, da leitura, da compreensão oral e da fala.

---

<sup>5</sup>Vale salientar que tal conceito é advindo da perspectiva gerativista, proposta pelo linguista Noam Chomsky.

O ensino de gramática deve se dar de forma que desperte o interesse do aluno, para que o mesmo aprenda de maneira prazerosa, compreendendo o porquê determinada regra está sendo utilizada, por exemplo, entre outros aspectos. A este respeito, Watkins (2005, p. 28) afirma que a consciência do desenvolvimento dos padrões da língua, incluindo a gramática, sustenta a performance nas habilidades da língua, de forma a ajudar os alunos a “perceberem” as regras da língua e, conseqüentemente, a usá-la de forma eficaz.

Assim, acredita-se que ensinar a gramática de forma diferenciada, dentro de uma perspectiva (sócio) comunicativa, é a melhor alternativa, sendo necessário desenvolver uma maneira de ensinar que vise diminuir os resultados tidos como pouco satisfatório, resultados estes que refletem o pouco, ou nenhum, conhecimento a respeito do verdadeiro objetivo do ensino. Nesse contexto, Rajagopalan (2003, p. 70) reitera que “o verdadeiro propósito do ensino de línguas estrangeiras é formar indivíduos capazes de interagir com pessoas de outras culturas e modos de pensar e agir. Significa transformar-se em cidadãos do mundo”.

Contudo, é de fundamental importância que as instituições envolvidas (universidades e escolas) estejam à par da real finalidade do ensino de L2. De acordo com Bagno (2002),

O objetivo da escola, no que diz respeito à língua, é formar cidadãos capazes de se exprimir de modo adequado e competente, oralmente e por escrito, para que possam se inserir de pleno direito na sociedade e ajudar na construção e na transformação dessa sociedade, é oferecer a eles uma verdadeira educação lingüística (BAGNO, 2002).

Sendo assim, fica evidente que tanto as instituições de ensino quanto os docentes devem capacitar o indivíduo para que ele possa atuar ativamente dentro da sociedade em que está inserido, bem como transformá-la. O mundo está em constante transformação para suprir as necessidades da atual e das futuras gerações. E para ter a capacidade de acompanhar essas transformações, fazer-se entender e ser entendido é um dos pontos que cabe às disciplinas escolares abordarem, inclusive à LI. Se isso ocorrer, conseqüentemente contribuirá para amenizar a desvalorização dessa língua tão importante.

Existem alguns aspectos que ajudam a não justificar o ensino/aprendizagem do inglês nas instituições públicas. Com relação a isso, Oliveira (2009, p. 22) adverte que

“Se não houver uma função clara, um objetivo claro, para a aprendizagem, não se pode justificar a manutenção de uma língua estrangeira no currículo das escolas públicas”. Seguindo essa mesma linha de pensamento, Paiva (2005, p.9), ao fazer uma série de estudos, detectou, dentre outros aspectos, a ausência de conhecimento dos discentes com relação à importância da LI em suas vidas.

Dentro das instituições públicas de ensino, a ausência de informações, tanto para professores quanto para os alunos, sobre o verdadeiro objetivo da LI, implica em inúmeros problemas, que criam “barreira institucional e socialmente validadas contra quaisquer projetos pessoais ou coletivos de mudanças” (DONNINI *et al* 2010, p. 14).

Além dos problemas já citados, existe também o medo dos alunos de cometerem erros, a timidez, falta de interesse, uso não adequados dos materiais didáticos e eletrônicos quando disponibilizado, resistência dos alunos nas aulas. Corroborando esse pensamento, Assis-Peterson e Silva (2009, p. 102) diz que:

Há vários tipos de não participação em sala de aula e vários podem ser os seus motivos. Há alunos que faltam às aulas ou chegam constantemente atrasados; há aqueles que são bastante loquazes quando se trata de tópicos não relevantes ao ponto em questão; há aqueles que tem dificuldade de interação por timidez, ansiedade, medo de errar, nível de proficiência de língua limitado, entre outros; há os que são silenciosos por fatores sociais, culturais e/ou políticos, tais como raça, classe social, gênero, religião ideologia, etnia e etc (ASSIS-PETERSON & SILVA 2009, p. 102).

Para solucionar essas questões, é necessário que os objetivos e finalidades, sejam (re) vistos pelos docentes de LI. Dessa forma, o ensino desse idioma terá significado tanto para o professor quanto para o aprendiz, ou seja, tanto para quem ensina quanto para quem aprende.

### **3.1 Importância do processo de ensino e aprendizagem de Inglês como L2 no ensino fundamental II**

O ensino fundamental II carrega uma grande responsabilidade com relação ao ensino de LI, especialmente nas primeiras séries dessa etapa, pois os aprendizes estarão aptos a vivenciar novas experiências. Além disso, nesse momento, os mesmos trazem consigo fatores relevantes que poderão facilitar na aprendizagem, como a curiosidade, o interesse pelas atividades propostas, entre outros. É no ensino fundamental II que os

discentes, provavelmente, deverão construir uma base sólida para aprendizagens posteriores, ou seja, é nesse período que os mesmos deverão adquirir o máximo de conhecimento possível para não afetar nos estudos futuros.

De acordo com a LDB art. 22 do capítulo II “A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”. É nessa etapa, também, que os aprendizes deverão desenvolver o gosto de aprender uma nova língua. Sendo assim, o professor exercerá papel importante nesse processo, estimulando o aluno e buscando meios que despertem nele o interesse e o desejo de participar das atividades, as quais deverão ser diversificadas para prender a atenção do aluno.

Dentre os muitos recursos que podem ser utilizados, a música é um dos quais o docente pode lançar mão para tornar sua aula mais dinâmica, já que a música sempre faz parte do cotidiano dos indivíduos. Os filmes são também outro recurso que pode ser usado para facilitar a aprendizagem da língua alvo, entretanto é necessário explicitar ao aprendente que o intuito, tanto dos filmes quanto das músicas, é promover a aprendizagem e não apenas como lazer. O docente também deve chamar a atenção do aprendiz para o cuidado que deve ter ao escolher o filme ou a música a serem utilizados, ou seja, o mesmo deve deixar claro que nem todos os filmes e músicas são propícios para serem assistidos ou ouvidos, pois muitos deles trazem conteúdos inapropriados.

Atualmente, o mercado disponibiliza uma diversidade de recursos direcionados para a aprendizagem do inglês. Materiais didáticos com conteúdos variados são ofertados por muitos estabelecimentos comerciais (livrarias, bancas de revistas e jornais). Sendo assim, a LI se faz presente em inúmeros cenários e influencia pessoas no mundo inteiro.

Sendo a motivação um aspecto tão relevante para se aprender uma língua, é importante que no ensino de inglês haja inclusão por parte dos educadores de atividades condizentes com a realidade do aprendiz conforme o nível de motivação encontrada no âmbito escolar. Assim, é fundamental que a disciplina seja mostrada pelo docente de uma maneira significativa e agradável conforme a idade de cada turma.

É sabido que as salas de aulas nunca serão homogêneas, pois comportam aprendizes com diferentes perfis. Sabemos, também, que existem discentes que mesmo encontrando dificuldades são persistentes, determinados e conseguem ultrapassar as barreiras. Porém, há também aqueles que, diante dos obstáculos, se sentem desanimados

e, conseqüentemente, desmotivados. Por isso, é importante o docente sempre estar atento, principalmente para esses aprendizes que terão o primeiro contato com a língua nesse período, pois assim, o mesmo poderá estar bem preparado para auxiliar e incentivar o aprendiz, tornando o aprendizado mais fácil.

Diferentemente das públicas, a maior parte das instituições particulares disponibiliza o ensino da LI desde as séries iniciais. Isso deveria também acontecer nas escolas públicas, onde o ensino da LI deveria ser oferecido desde o ensino fundamental I, ou seja, desde as séries iniciais quando a criança ainda está em constante desenvolvimento tanto fonológico quanto cognitivo.

O ensino da LI iniciado na infância vem crescendo significativamente nas instituições particulares de ensino, pois se acredita que quanto mais cedo à criança iniciar este estudo, mais fácil se tornará sua aprendizagem. Seguindo essa linha de pensamento, Santos e Zucchi (2011, p.172) afirmam “[...] quanto mais cedo à criança ingressar na aprendizagem de línguas mais facilmente ela irá aprender”.

São inúmeros os benefícios que acompanham uma criança ao ser exposta a uma nova língua (nesse caso o inglês), uma vez que a criança aprenderá naturalmente, ou seja, de forma espontânea, se acostumará a ouvir constantemente o idioma e, com isso, desenvolverá o *listening* (ouvir), bem como o *speaking* (falar), sem contar no desenvolvimento das demais habilidades, além de desenvolver uma maior facilidade na interação em grupo e se sentir mais segura em todos os aspectos. Segundo Oliveira (1992, p. 33), “a aprendizagem desperta processos internos de desenvolvimento que somente podem ocorrer quando o indivíduo interage com outras pessoas”.

Por essas e outras razões, acredita-se ser de suma importância a aprendizagem da LI nas séries iniciais, pois é nessa fase que a maioria das crianças não possui timidez, medo de errar e ansiedade. Além disso, a mesma poderá ter um contato maior com a língua, o que, conseqüentemente, poderá beneficiá-la futuramente, ao longo de sua vida acadêmica e profissional.

Mesmo que não pareça ou, mesmo que de maneira informal e dependendo do contexto social na qual a criança está inserida, a mesma tem o primeiro contato com a LI, praticamente, desde seu nascimento através de brinquedos, músicas, jogos e outros. A família, em especial os pais, deve incentivar a aprendizagem do idioma desde a infância, pois assim seus filhos poderão estar mais preparados e qualificados para ingressar e atuar num mundo tão competitivo.

A inclusão da disciplina de LI nas séries iniciais na rede pública de ensino poderá ajudar a minimizar as diferenças socioeconômicas existentes em meio aos grupos sociais. Entretanto, é importante ressaltar que ensinar a LI à criança não é uma tarefa fácil. É necessário um profissional bem preparado, materiais e metodologia adequados para essa faixa etária, pois trabalhar com crianças requer maiores cuidados, principalmente, em se tratando de outro idioma. Qualquer “erro” que venha a ser cometido poderá acarretar danos futuros, ou seja, poderá prejudicar a aprendizagem do discente.

#### **4. METODOLOGIA**

Metodologicamente, este trabalho adotou um tipo de pesquisa de cunho qualitativo e bibliográfico, a partir da visita e observação de aulas em todos os segmentos do ensino fundamental II, nas redes pública e particular de ensino, utilizando subsídios teóricos para fundamentar e dar suporte a este trabalho.

Para tanto, buscou-se analisar respostas de professores de LI e alunos do ensino fundamental II, relacionadas ao ensino/aprendizagem de L2, mais especificamente da LI a qual vem sendo alvo de inúmeros estudos e, conseqüentemente, maior ênfase no mundo contemporâneo. Os sujeitos envolvidos nessa pesquisa foram escolhidos minuciosamente para a obtenção de dados que contribuam para melhorar o ensino/aprendizagem da referida língua. Sendo assim, o requisito utilizado para escolher tais informantes foi montar um corpus o mais completo possível, dentro das possibilidades da pesquisa, a respeito do ensino de LI no ensino fundamental II. Para tanto, a pesquisa precisaria contemplar dados de ambos os segmentos (público e privado).

A pesquisa foi realizada através de questionários individuais referentes ao tema, contendo sete questões abertas para docentes e cinco questões abertas para discentes, sendo um docente de cada instituição de ensino. A primeira instituição a participar da coleta de dados para a pesquisa foi à instituição particular. No primeiro momento, foi reservado um local específico para a realização da pesquisa, onde os discentes ficassem confortáveis para a sua realização. No segundo momento, foram selecionados 5

discentes de cada turma do ensino fundamental II, totalizando 20 discentes ao todo, tanto meninos quanto meninas, com faixa etária equivalente as suas respectivas séries.

A instituição pública também contribuiu de forma significativa com a pesquisa, procedendo da mesma forma que a instituição particular. No momento inicial, a referida escola disponibilizou um espaço apropriado para a realização da mesma. Posteriormente, também foram selecionados 5 discentes de cada turma do ensino fundamental II, totalizando 20 alunos, tanto menino quanto meninas, com idades equivalentes as suas séries.

Tanto na instituição pública, quanto na particular, foi aplicado um questionário contendo cinco questões abertas para os discentes responderem de forma individual. Totalizando o número de participantes envolvidos na pesquisa de ambas as escolas, chegamos a um resultado de 2 docentes e 40 discentes.

Além de ser qualitativa e bibliográfica esta pesquisa também tem um caráter comparativo, pois busca fazer comparações entre duas instituições de ensino distintas, bem como, mostrar a visão dos educadores acerca do ensino de LI e o nível de saberes dos discentes.

## **5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Para um melhor entendimento desta análise<sup>6</sup>, os docentes participantes da pesquisa serão identificados por professor público (P1) e professor particular (P2). Com relação aos discentes, os mesmos serão identificados por alunos da rede pública (A1) e alunos da rede particular (A2) e por suas respectivas turmas.

---

<sup>6</sup>Por questões éticas, as respectivas identificações foram criadas com o intuito de preservar a identidade dos informantes participantes da pesquisa.

## 5.1 Descrição das repostas dos Docentes

Mediante as respostas<sup>7</sup> dos docentes ao serem indagados sobre como os mesmos acham que devem agir em sala de aula para melhorar o processo de ensino e aprendizagem de L2, percebemos que os mesmos concordam que o professor deve esclarecer para seus alunos a importância do ensino/aprendizagem de L2, mais especificamente da LI e como essa língua influencia de forma significativa no seu cotidiano. P1 deixa evidente através de suas palavras que a questão da afetividade é essencial em sala de aula e que a postura do professor, demonstrando amor pelo que faz, colabora para um bom relacionamento entre ambas as partes e, conseqüentemente, contribui para um bom andamento das aulas. Leffa (2009, p. 122) ressalta que “[...] o trabalho do professor não deve ser feito por obrigação, mais por prazer, que o professor seja divertido, tenha senso de humor e consiga deixar bem claro para o aluno que adora ensinar”.

Para ambos os professores, as aulas de LI devem ter um diferencial, isto é, as mesmas devem ser dinâmicas e atraentes, além disso, devem ser utilizados diversos recursos que auxiliem o professor e que facilitem a aprendizagem dos alunos. E tanto P1 como P2 enfatizam a questão da motivação que é um fator fundamental para um ensino eficaz. Assim, neste sentido, Vygotsky (1998) afirma que:

A construção da motivação é um dos pilares para um bom clima da sala de aula. O professor tem que conhecer como o aluno aprende e usar de estratégias de ensino que lhe dê a sensação de estar conquistando algo importante no ato simples de cumprir tarefas que estão de acordo com a sua zona proximal de desenvolvimento (VIGOTSKY, 1998, p. 102).

Considerando a pergunta 2 sobre metas, dificuldades e desafios no ensino de L2, diante das respostas obtidas, P1 considera como meta a questão de se enfatizar a importância da aquisição de uma L2, pois, é através desta que o discente poderá compreender os benefícios proporcionados por sua aprendizagem e, conseqüentemente, terá um futuro promissor, tendo em vista o meio competitivo em que estamos inseridos, onde os que possuem mais qualificação terão maiores oportunidades. Além disso, o

---

<sup>7</sup>Para uma maior organização do trabalho, todas as perguntas e respostas dos informantes da presente pesquisa estarão disponíveis nos anexos deste trabalho, para fins de consulta.

referido docente enfatiza a importância de se ter um bom vocabulário para que o discente compreenda o máximo de palavras possível, bem como, sua pronúncia e significado, podendo, assim, utilizar no seu cotidiano de maneira que os discentes se sintam confortáveis ao se deparar com situações de uso da língua (jogos, músicas, programas de computadores e outros). P2 afirma como meta a compreensão de conteúdos básicos relacionados à LI para que auxiliem os discentes em todo seu percurso estudantil.

Com relação aos desafios e dificuldades, P1 alega que são inúmeros, dentre eles, podemos destacar o contato tardio que o discente tem com a língua alvo, no caso, a LI, interferindo de forma catastrófica em sua aprendizagem e assim, impedindo que o mesmo tenha consciência da importância de estudá-la. Além disso, a pronúncia e a escrita diferenciada, bem como, o pensamento de que a matéria é extremamente difícil e até mesmo o fato de não dominarem bem a sua própria língua, como afirma P2, os inibem e desestimulam. Diante disso, Leffa (2009, p.120) diz que “o trabalho do professor é sempre cercado de obstáculos, desde a falta de recursos materiais até uma possível resistência dos alunos”.

Analisando as respostas dos docentes ao serem questionados sobre o maior impedimento para o ensino de línguas, observamos que P1 acredita que o maior impedimento no ensino de línguas seja o atual momento que estamos vivenciando, em que o aluno não consegue sentir a real necessidade de se aprender a LI, pois, imagina que a aprendizagem da mesma não é essencial para a comunicação. Já para P2 o maior impedimento é o ensino de L2 ser oferecido de forma tardia, mais especificamente a partir do ensino fundamental II, onde a maior parte dos aprendizes já está atravessando um período de transição da infância para a adolescência, o que poderá dificultar no momento da aprendizagem.

Mediante as respostas dadas acerca de concordarem, ou não, com o início do ensino de línguas somente na segunda fase do ensino fundamental, percebe-se que tanto P1 quanto P2 discordam que o ensino de L2 só tenha início no ensino fundamental II. Entretanto, ambos concordam que esse ensino deva ser iniciado desde a infância, pois é o momento propício para a aquisição de uma L2.

Para P1 quanto mais cedo for o contato da criança com a LI, mais facilidade ela terá para aprendê-la. Além disso, quando a criança é ensinada desde cedo, a mesma terá

mais possibilidades de aprender novos idiomas. Já para P2, é no processo inicial de escolarização que a criança tem mais ímpeto e facilidade de aprender uma nova língua.

Sendo assim, percebe-se a importância de se aprender a LI ainda nas séries iniciais. Conforme Longo “Quanto mais cedo à criança estiver exposta a uma segunda língua, melhor” (LONGO 1990, p.251-285).

Diante das respostas obtidas ao serem solicitados para darem possíveis sugestões para a melhoria do ensino de LI, podemos perceber que as opiniões dos docentes divergem com relação às sugestões de melhorias para o ensino de LI. P1 afirma que para tornar esse ensino eficaz, é necessária a utilização de recursos diferenciados (explicitado já acima), que despertem a atenção e o interesse dos alunos. Já P2 afirma que se houvesse um aumento na carga horária com relação às aulas semanais, seria causa de melhorias. Além disso, o mesmo enfatiza que o ensino de L2 deveria ser disponibilizado a partir do ensino fundamental I. Diante dessa afirmação, acreditamos que o ensino de L2 ofertado desde o início da vida estudantil traria efeitos benéficos. A esse respeito, os Parâmetros Curriculares Nacionais (MEC, 1998. P 37) afirma que:

A aprendizagem de Língua Estrangeira contribui para o processo educacional como um todo, indo muito além da aquisição de um conjunto de habilidades linguísticas. Leva a uma nova percepção da natureza da linguagem, aumenta a compreensão de como a linguagem funciona e desenvolve maior consciência do funcionamento da própria língua materna. Ao mesmo tempo, ao promover uma apreciação dos costumes e valores de outras culturas, contribui para desenvolver a percepção da própria cultura por meio da compreensão da(s) cultura(s) estrangeira(s) (MEC, 1998. P 37).

Analisando as respostas dos docentes sobre os recursos utilizados em sala de aula para proporcionar um ensino de inglês eficaz, observamos que os mesmos utilizam vários recursos e atividades variadas em suas aulas. P1 afirma dar maior ênfase ao livro didático, incentiva a prática da pronúncia com seus discentes, utiliza gêneros textuais com o intuito de maximizar o vocabulário dos aprendizes, além de fazer uso de músicas. Assim como P1, P2 também utiliza músicas em suas aulas, além de outros recursos como vídeos e jogos. Leffa (2009, p. 121) confirma isso ao afirmar que:

[...] Há, portanto, dentro da língua inglesa, um leque muito grande de opções que podem ser oferecidas ao aluno, atendendo aos mais diferentes gostos e necessidades. O conteúdo a ser trabalhado com os alunos não precisa ficar preso às regras da gramática, a listas de palavras ou mesmo a determinada habilidade, [...] pode ir além de tudo isso. [...] Pode trabalhar com poesia ou

prosa, com esporte ou música, clássica ou popular, *heavy metal* ou *hip-hop* (LEFFA, 2009, p. 121).

Assim sendo, fica evidente que existem diversos recursos e materiais que podem proporcionar um ensino de inglês eficaz.

Por fim, ao analisar a opinião dos professores sobre os recursos oferecidos pelas escolas para a aprendizagem dos alunos em relação a LI, percebemos que os mesmos afirmam que as instituições onde lecionam disponibilizam todos os recursos e materiais necessários para que as aulas de inglês ocorram da melhor maneira possível. P1 ainda acrescenta dizendo que, além da instituição disponibilizar os recursos, o mesmo pode fazer uso quanto necessitar.

Diante disso, percebemos que mesmo se tratando de instituições distintas, ambas possuem e disponibilizam recursos para que os docentes possam realizar um bom trabalho.

## **5.2 Descrição das repostas dos Discentes**

Mediante as repostas dadas pelos discentes sobre gostar, ou não, de aprender inglês, podemos perceber que mesmo se tratando de instituições distintas, a maioria afirma que gosta de estudar inglês por diversas razões, dentre as quais podemos destacar: a LI se mostra como algo diferente, chamando assim, a atenção dos discentes para seu aprendizado, levando a novas descobertas, trazendo experiência e fazendo com que o mundo seja visto por outro prisma além, de ser útil para interagir com outros indivíduos bem como, aprimorar a escrita e oportunizar os aprendizes conhecer outros países e diferentes culturas. Para com os PCN's, “pela aquisição do adequado conhecimento linguístico, o indivíduo pode apropriar-se de saberes, transmitir sua cultura e estabelecer vínculos com outras, ampliando seus horizontes” (BRASIL, 1998, p. 101). Assim, acredita-se que o estudo de uma L2 permita uma maior reflexão não só sobre o idioma estudado, mas sobre a cultura como bens de cidadania, contribuindo para a eliminação de estereótipos e preconceito.

Mesmo a maioria dos discentes afirmando que gostam de estudar inglês, alguns discordam dessa opinião, alegando que é um idioma de difícil compreensão.

Diante das respostas obtidas ao serem questionados sobre a importância de estudar inglês, analisamos que, na opinião dos educandos, o estudo de inglês é de suma importância, pois oportuniza a aprendizagem de uma nova língua, proporcionando novos conhecimentos, desenvolvendo a comunicação com outras pessoas, além de preparar o indivíduo para uma vida profissional eficiente, isto é, preparando-o para o mercado de trabalho e habilitando-o para qualquer eventualidade futura. Estudar inglês é tão importante quanto estudar outras disciplinas do currículo escolar, podendo ser utilizado também em nosso cotidiano. Paiva (1996) confirma isso ao afirmar que:

[...] aprender uma língua é tão importante como aprender uma profissão. “Esse idioma tornou-se necessário para a vida atual que, para conseguirmos aprimorar qualquer atividade profissional, seja no campo da medicina, da eletrônica, física, temos de saber falar inglês”. (PAIVA, 1996, p.19).

Ao analisar as respostas dos discentes sobre suas dificuldades para aprender inglês, observamos que a maioria deles sente algum tipo de dificuldade com relação à pronúncia de palavras. Além disso, alguns afirmam também sentir dificuldade quanto ao domínio das regras gramaticais, bem como, os significados de palavras, a escrita e a memorização. Já outros alegam que pelo motivo do inglês não ser um idioma muito utilizado no país, se torna mais difícil sua aprendizagem. No entanto, a minoria alega não possuir nenhuma dificuldade tão gritante quanto à aprendizagem desse idioma. Sendo assim, percebemos que mesmo se tratando de instituições diferentes, as dificuldades apresentadas pelos discentes são semelhantes.

Analisando as respostas dos discentes sobre o desejo de ter começado a estudar inglês anteriormente, ficou evidente que a maioria concorda que o estudo da LI deveria ter sido iniciado desde cedo, pois teriam mais conhecimentos, estariam melhor preparados e, conseqüentemente, com uma base sólida para cursar as séries posteriores, o que faria com que não tivessem tantas dificuldades na aprendizagem do idioma. Portanto, é notória a importância de se aprender a LI desde as séries iniciais. Isto é, o estudo de inglês deve ser estimulado ainda na infância, pois contribuirá em muito para o desenvolvimento do aprendiz, uma vez que o mesmo levará consigo uma carga de conhecimentos que, possivelmente, sanará as dificuldades encontradas e facilitará a sua

aprendizagem. Entretanto, alguns discentes afirmam que não gostariam de ter iniciado o estudo da LI anteriormente.

Por fim, ao analisar as respostas sobre utilizar o inglês no dia-a-dia, percebemos que os discentes utilizam o inglês no seu cotidiano em diferentes atividades e de diversas formas, dentre elas: as redes sociais, jogos, filmes, brincadeiras, nos rótulos dos produtos, na internet, nas instituições de ensino, mas, notadamente através da música e interação com outras pessoas do seu convívio. Assim, fica explícito que são utilizadas várias situações do cotidiano para a prática do inglês, pois, o mesmo está presente em vários lugares e em quase tudo que nos rodeia, podendo ser praticado de forma dinâmica, divertida e prazerosa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa monográfica, evidenciou-se que o ensino/aprendizagem da LI vem se tornando indispensável no mundo contemporâneo, pois em muitas das atividades humanas é necessário ter conhecimento, qualificar-se e habilitar-se para ingressar no mercado de trabalho, além do mais a aprendizagem dessa língua oportuniza ter acesso e ser incluso num mundo tão competitivo já que o inglês se tornou a língua mais utilizada nos negócios, nas viagens, na comunicação e conferi valorização e status a quem tem o domínio da mesma.

Corroborando com esse pensamento Leffa (2002, p. 29-53) afirma que o inglês é a língua de “ascensão, prestígio, língua da moda, da globalização, a língua de todo mundo”, entretanto, essa língua ainda não ocupa o mesmo lugar de destaque conferido a outras disciplinas, sendo ainda alvo de inúmeras dificuldades com relação ao seu ensino/aprendizagem.

Por meio dos resultados obtidos na pesquisa campo percebemos que muitos desses problemas são gerados devido o contato tardio que o discente tem com a língua alvo, o pensamento de que a matéria é extremamente difícil e não ter a real consciência da importância de estudá-la.

Sendo assim, percebemos que mesmo existindo dificuldades, muitas delas criadas pela própria sociedade, nas quais tanto docentes quanto discentes muitas vezes se sentem excluídos, existe também o desejo de melhorar esse ensino, todavia, para amenizar esses problemas é necessário esclarecer para os aprendizes a importância da LI e a influência que a mesma exerce no seu cotidiano, além disso, nas aulas de inglês devem ser utilizados recursos diferenciados que as tornem dinâmicas, divertidas e prazerosas e que despertem a atenção e o interesse do aluno, auxiliando e facilitando a aprendizagem do mesmo, bem como, o aumento na carga horária com relação às aulas semanais.

Além desses fatores o ensino de uma L2, mais especificamente o inglês deveria ser proporcionado desde o início da vida estudantil de uma criança, ou seja, desde as séries iniciais, pois é nesse período que a criança está em fase de desenvolvimento, possuindo um grande potencial de aprendizagem e conseqüentemente terá maior facilidade e ímpeto de aprender novos idiomas. Em conjuntos com esses fatores também deverá haver reflexões acerca do ensino, traçar objetivos, valorização dos profissionais, empenho e comprometimento de todos envolvidos no processo educacional.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Vanessa; MAGALHÃES, Vivian. **Cem aulas sem tédio: sugestões práticas, dinâmicas e divertidas para o professor de língua estrangeira.** Santa Cruz: Pe. Reus, 1998.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ASSIS-PETERSON, Ana Antonia de. SILVA, Eladyr Maria Noberto da. **Alunos á margem das aulas de inglês: por uma prática inclusiva.** In: LIMA, Diógenes Cândido de (org.). *Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa. Conversas com especialistas.* São Paulo: Parábola. P. 93-106.

AUERBACH, Elsa. **“Reexamining English in the ESL Classroom”.** TESOL Quartely, v.27, n.1, p.9-33, 1993.

BAGNO, Marcos. STUBBS, Michael. GAGNÉ, Gilles. **Língua materna, letramento, variação & ensino.** São Paulo: Parábola, 2002.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental.** Brasília, DF: MEC, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio.** Brasília: Ministério da Educação, 2000.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Lei de Diretrizes e Bases.** In: *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio.* Brasília: Ministério da Educação, 2000.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental.** Brasília: Ministério da Educação, 1998.

BLOCK, D. (2003). **The social turn in second language acquisition.** Washington, DC: Georgetown University Press.

CHAGAS, R.V.C. **Didática especial de línguas modernas.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

DONNINI, Livia. PLATERO, Luciana. WEIGEL, Adriana. **Ensino de Língua Inglesa.** São Paulo: Cengage Learning, 2010.

ELLIS, Rod. **The study of Second Language Acquisition**. Oxford University Press, 1997.

GASS, S.M., & SELINKER, L. (2008). **Second language acquisition: an introductory course** (3rd edition). Mahwaw, NJ: Lawrence Erlbaum.

GAGNÉ, GUILLES. (2002). **A norma e o ensino da língua materna**. In: BAGNO, M et al. *Lingua Materna: Letramento, Variação e Ensino*. São Paulo, Parábola, p. 163-238.

HARBORD, John. **“The use of the mother tongue in the classroom”**. *ELT Journal*, v.46, n.4, p.350-355, 1992.

IALAGO, A. N.; DURAN, M. C. G. **Formação de Professores no Brasil**. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 8, n. 23, p. 55-70, jan./abr. 2008.

LEFFA, Vilson José. **Por um ensino de idiomas mais includente no contexto social atual**. In: LIMA, Diógenes Cândido de (org.). *Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa: conversas com especialistas*. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 113 – 123.

\_\_\_\_\_. **Teaching as a multinational Language**. *The Linguistic Association of Korea Journal*, Seul, Coreia V.10, n.1 p.29-53, 2002.

\_\_\_\_\_. **Transdisciplinaridade no ensino de línguas: A perspectiva das Teorias da Complexidade**. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, vol. 6. n.1, 2006.

LIMA, Diógenes Cândido (Org.). **Ensino e aprendizagem de Língua Inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola, 2009.

LIMA, N. D. S.; PESSOA, R. R. **Problematizando o estágio supervisionado de inglês**. In: *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. V. 10, n. 1, 2010. P. 249-269.

LONGO, M. **Maturational Constraints on Language Development**. *Studies in Second Language Acquisition*, 1990.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2000.

MATTIOLI, Gyl. **“On Native Language Intrusions and Making Do with Words: Linguistically Homogeneous Classrooms and Native Language Use”**. *Forum*, v.4, n.4, p.25-30, 2004.

MELLO, Heloisa A B. de. **“L1: Madrinha ou Madrasta? O Papel da L1 na Aquisição de L2”**. *Signótica- Revista do Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística da UFG*. v.16, n.2, Goiânia, p.213-242, 2004.

MOURA, G. **Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MOACYR, Primitivo. **A Instrução e o Império (Subsídios para a história da educação no Brasil) 1823-1853**. 1º vol. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1936.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (1996). **“Yes, nós temos bananas” ou “Paraíba não é Chicago não”, um estudo sobre alienação, e o ensino de inglês como língua estrangeira no Brasil**. In: oficina de lingüística aplicada. Campinas, SP: Mercado de Letras. pg. 37-61.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias**. São Paulo: Parábola, 2014.

\_\_\_\_\_. **Ensino de língua estrangeira para jovens e adultos na escola pública**. In: LIMA, Diógenes Cândido de (org.). **Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa. Conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola, 2009.

OLIVEIRA, V. **Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

PONZONI, R. M. **A construção do professor crítico-reflexivo de língua inglesa durante o curso de Letras**. Parte da dissertação de mestrado. Universidade de Taubaté, 2009.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes e. (org). **Ensino de língua Inglesa: reflexões experiências**. São Paulo: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Como se aprende uma língua estrangeira?** In: ANASTÁCIO, E.B.A.; MALHEIROS, M.R.T.L.; FIGLIOLINI, M.C.R. (Orgs). **Tendências contemporâneas em Letras**. Campo Grande: editora da Uniderp, 2005.

\_\_\_\_\_. **A língua inglesa no Brasil e no mundo**. In: PAIVA, Vera L. Menezes O. (org.). **Ensino de Língua Inglesa – reflexões e experiências**. Campinas, Belo Horizonte: Pontes Editores/ Departamento de Letras Anglo-Germânicas da UFMG, 1996.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. (2003). **Por uma lingüística crítica. Linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003.

SANTOS, Leandra Inês Seganfredo; ZUCCHI, Marluce Paludo. **ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA: metodologias vivenciadas em anos iniciais do ensino fundamental**. Revista Eventos Pedagógicos. v.2, n.2, p. 171 – 180, Ago./Dez. 2011.

THOMAS, J. (1988). **The role played by metalinguistic awareness in second and third language learning.** Journal of Multilingual and Multicultural Development, 9, 235-246.

VERONEZE, C. A. S.; CARVALHO, R. C. M. **Repensando os métodos de ensino/aprendizagem da Língua Inglesa através da história.** Unicentro – Revista Eletrônica Lato Sensu. Ed 5, 2008.

VYGOSTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

WATKINS, Peter. **Learning to teach English.** England: Delta Publishing, 2005.

# ANEXOS



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LÍTRAS**

**QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR**

1. Como o professor deve agir, em sala de aula, para estimular o ensino aprendizado de L2?
2. Quais as metas, desafios e dificuldades do ensino de língua inglesa na rede pública/privada?
3. Em sua opinião qual o maior impedimento no ensino de línguas?
4. Você concorda que o ensino de L2 só tenha início no ensino fundamental II? Por quê?
5. Que sugestões você daria para melhorar o ensino de língua inglesa?
6. Quais são os recursos que você utiliza em sala de aula para proporcionar um ensino de inglês eficaz?
7. Em sua opinião as escolas oferecem recursos necessário para a aprendizagem dos alunos com relação a língua inglesa? Justifique.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LITRAS**

**QUESTIONÁRIO DO ALUNO**

1. Você gosta de estudar inglês? Por quê?
2. Você acha importante estudar inglês?
3. Quais as dificuldades que você tem para aprender inglês?
4. Você gostaria de ter começado a estudar inglês anteriormente? Por quê?
5. Você utiliza o inglês no seu dia a dia? De que forma?

**ANEXO 1 – Respostas de P1 e P2 sobre a pergunta 1**

1. Como o professor deve agir, em sala de aula, para estimular o ensino/aprendizado de L2?

P1 (Resposta do Professor da Rede Pública) – “Antes de qualquer coisa, acredito que o professor de língua inglesa precisa amar o que faz! Quando amamos o que fazemos, isso se reflete em nossas atitudes e conseqüentemente, se o aluno perceber que você sente prazer em ensinar a ele, a relação professor/aluno ficará melhor. O professor precisa ser dinâmico, alegre, entusiasmado e ter segurança nos conteúdos que irá transmitir. Ele precisa mostrar a importância da aquisição de uma língua estrangeira para a vida daquele aluno, mais não perder a postura de alguém que merece respeito sempre.”

P2 (Resposta do professor da Rede Particular) – “O professor deve em primeiro lugar, convencer os alunos da importância de estudar inglês ou, pelo menos apresentar de que forma a língua estrangeira impacta seu cotidiano. Além disso, deve utilizar diversos materiais e equipamentos para tornar as aulas mais dinâmicas e atraentes.”

**ANEXO 2 – Respostas de P1 e P2 sobre a pergunta 2**

2. Quais as metas, desafios e dificuldades do ensino de Língua Inglesa na rede pública/privada?

P1 (Resposta do Professor da Rede Pública) – “As metas que desejamos conquistar dentre tantas são: que o aluno entenda a importância da aquisição de uma língua estrangeira para seu futuro, levando em consideração o mundo competitivo em que vivemos, onde os mais qualificados possuem mais vantagens; que ele consiga compreender um número desejável de palavras em inglês, colocando sua pronúncia e significado; que ele se sinta confortável e compreenda palavras encontradas em jogos que ele utilize, nas músicas que ele ouve, nos programas de computadores, etc. Os desafios e as dificuldades que encontramos são diversos! O aluno que chega em nossas escolas, dificilmente teve contato com a língua inglesa. Isso interfere muito, pois o mesmo não consegue compreender a necessidade da aquisição de uma segunda língua. Muitos se sentem desestimulados por acharem a matéria difícil, ao se depararem com escrita e pronúncias diferentes.”

P2 (Resposta do professor da Rede Particular) - “As metas são que os alunos aprendam conteúdos básicos que os ajudem a trilhar sua trajetória escolar. Os desafios e dificuldades estão no fato de que muitos mal dominam sua própria língua, o que causa dificuldade em L2, desestimulando-os durante as aulas.”

**ANEXO 3 – Respostas de P1 e P2 sobre a pergunta 3**

3. Em sua opinião, qual o maior impedimento no ensino de línguas?

P1 (Resposta do Professor da Rede Pública) – “Acredito que é a realidade em que vivemos. Nossos alunos não conseguem enxergar a necessidade de aprenderem inglês porque acreditam que não precisam da mesma para se comunicar. Muitos deles usam a frase: “Eu não vou para os Estados Unidos Professora! Eu não preciso aprender inglês!”

P2 (Resposta do professor da Rede Particular) - “O maior impedimento é L2 só ser ministrada a partir da 2ª fase do ensino fundamental, pois os alunos precisam começar basicamente do zero no 6º ano, idade em que eles, já estão entrando na adolescência e não possuem tanto ímpeto e facilidade em aprender como quando são crianças em processo de escolarização inicial.”

**ANEXO 4 – Respostas de P1 e P2 sobre a pergunta 4**

4. Você concorda que o ensino de L2 só tenha início no ensino fundamental II? Por quê?

P1 (Resposta do Professor da Rede Pública) – “Não. Acredito que quanto mais cedo essa criança tenha contato com o inglês, mais fácil será para ela aprender essa nova língua. Lembro-me sempre do exemplo de uma tia da minha sobrinha Erika. Ela casou com um norueguês e eles tiveram um filho. O menino sempre falou fluentemente o português, o norueguês e o inglês porque foi ensinado desde muito cedo.”

P2 (Resposta do professor da Rede Particular) - “Não, pelo motivo explicitado anteriormente.”

**ANEXO 5 – Respostas de P1 e P2 sobre a pergunta 5**

5. Que sugestões você daria para melhorar o ensino de Língua Inglesa?

P1 (Resposta do Professor da Rede Pública) - “Tornar a aula divertida! Levar atividades interessantes, levar músicas, materiais coloridos que despertem a atenção.”

P2 (Resposta do professor da Rede Particular) - “Eu sugeriria que a L2 fosse ofertada desde o início do ensino fundamental, e o aumento de n° de aulas semanais”.

**ANEXO 6 – Respostas de P1 e P2 sobre a pergunta 6**

6. Quais são os recursos que você utiliza em sala de aula para proporcionar um ensino de inglês eficaz?

P1 (Resposta do Professor da Rede Pública) – “Na minha opinião o livro é muito importante! Por isso sigo os assuntos do livro. Levo canções em inglês, prezo muito pelo treino da pronuncia das palavras e eles amam repeti-las! Utilizo textos para que ao traduzirem eles possam adquirir mais vocabulário também.”

P2 (Resposta do professor da Rede Particular) - “vídeos, jogos e músicas.”

**ANEXO 7 – Respostas de P1 e P2 sobre a pergunta 7**

7. Em sua opinião as escolas oferecem recursos necessário para a aprendizagem dos alunos com relação a língua inglesa? Justifique.

P1 (Resposta do Professor da Rede Pública) – “Não tenho reclamações a respeito desses recursos. Graças a Deus, as duas escolas municipais onde leciono, me oferecem: TV, DVD, microsystem, quadro branco, livros, dicionários. O material que necessito sempre está a minha disposição.”

P2 (Resposta do professor da Rede Particular) - “Onde eu trabalho dispomos de todos os recursos possíveis.”

**ANEXO 8 – Respostas de A1 e A2 sobre a pergunta 1**

1. Você gosta de estudar inglês? Por quê?

6° Ano

A1 (Respostas dos Alunos da Rede Pública)

- Por que pode acontecer algo importante e nós sabemos inglês.
- Sim, por que acho que sempre o que nós não sabemos e quando sabemos, são e devem estar no nosso querer, e eu adoraria saber falar várias palavras em inglês.
- Eu gosto de estudar inglês porque agente se diverte quando falamos.
- Sim, gosto por que estudar inglês foi uma descoberta para mim eu aprendi coisas novas.
- Eu gosto porque eu quero estudar fora do Brasil.

A2 (Respostas dos Alunos da Rede Particular)

- Sim porque eu aprendo muito inglês nos jogos e eu gosto de utilizar isso nas aulas.
- Sim. Porque nós vamos saber se nós viajarmos para algum lugar e aprender.
- Porque é uma coisa bem diferente e a pessoa já aprendendo leva para a vida toda e também se for morar em outro país já tem experiência.
- Sim, porque podemos ver o mundo de outra forma com mais aprendizado e também com outro jeito de escrever.
- Porque no futuro eu quero sair do Brasil e morar nos Estados Unidos da America, e eu gosto de estudar inglês porque é muito bonito quem fala inglês.

7° Ano

A1 (Respostas dos Alunos da Rede Pública)

- Sim porque é uma das matérias que eu mais me dedico.
- Sim porque nós vamos aprendendo novas coisas.
- Sim porque eu aprendo coisas novas.
- Sim, porque mim divirto muito e aprendo muitas coisas.

- Sim, porque eu acho engraçado o que a professora fala.

#### A2 (Respostas dos Alunos da Rede Particular)

- Sim. Acho muito interessante aprender outra língua, que posso também viajar para o exterior.
- Sim porque além de nós estudarmos e praticarmos no dia-a-dia, é legal.
- Sim, porque no futuro eu posso precisar dele.
- Sim, por que eu consigo ter mais conhecimento.
- Sim, acho legal a língua inglesa interagir com outras pessoas e tomar conhecimento.

#### 8º Ano

#### A1 (Respostas dos Alunos da Rede Pública)

- Sim, pois é uma matéria que pode ser até difícil mas todos nos usamos no nosso cotidiano e além disto essa matéria precisa de muita concentração, coisa e amo.
- Sim, porque é importante sabemos inglês para nosso dia-a-dia.
- Não por que eu acho confuso.
- Não porque eu não entendo nada.
- Mais ou menos, porque as vezes você não entende.

#### A2 (Respostas dos Alunos da Rede Particular)

- Sim, porque ela nos ajuda quando fomos a outros países, e é sempre bom aprender outras línguas, nunca se sabe quando iremos encontrar alguém de outro país.
- Sim. Porque quando estamos na universidade precisamos de outras línguas.
- Sim. Por que se eu for para algum país que fala essa língua eu já vou entender um pouco.
- Sim. Eu acho importante para o meu futuro.
- Sim, pois através do inglês, podemos conhecer mais palavras, por exemplo. É bem interessante e poderemos utilizar no futuro.

9° Ano

A1 (Respostas dos Alunos da Rede Pública)

- Sim, porque o inglês já vem se formando muito no Brasil não só em músicas mas em jogos e filmes e no nosso dia-a-dia vivenciamos muitas palavras no inglês por isso que sim gostaria de estudar inglês.
- Não. Por que eu acho inglês muito difícil de se aprender, e meio complicado de entender o que os professores estão falando.
- Sim, porque nos ajuda a aprender novas coisas.
- Sim, pois é bom estudar inglês.
- Sim, porque é uma língua estrangeira que hoje é muito usada no Brasil.

A2 (Respostas dos Alunos da Rede Particular)

- Sim, porque inglês é uma língua mundial.
- Sim. Acho muito importante que saibamos outra língua diferente da nossa, pois um dia podemos precisar.
- Sim. Porque eu acho importante aprender outras línguas.
- Sim. Porque essa matéria é muito importante não só na vida escolar como para a vida toda.
- Sim, é importante, e uma língua que eu gosto bastante.

**ANEXO 9 – Respostas de A1 e A2 sobre a pergunta 2**

2. Você acha importante estudar inglês?

6º Ano

A1 (Respostas dos Alunos da Rede Pública)

- Sim, por que no futuro nós podemos precisar.
- Bom, eu acho que deve sim ser importante estudar inglês. Por quê? Por que se algum dia nós viajarmos para algum lugar distante é sempre bom já saber.
- Sim e muito, por que inglês é uma linguagem importante para nós comunicar com quem só fala inglês.
- Acho por que quando houver algo já estarei pronto.
- Sim, porque a pessoa aprende mais outras línguas.

A2 (Respostas dos Alunos da Rede Particular)

- Sim, por que se você for para outro país você já sabe falar.
- Sim, para no futuro você saber.
- Sim, por que a pessoa já sabendo os verbos fica mais fácil.
- Sim, eu acho importante estudar inglês como as outras matérias.
- Sim, porque é importante para o desenvolvimento do aluno.

7º Ano

A1 (Respostas dos Alunos da Rede Pública)

- Sim.
- Sim, por que as vezes quando chegamos em cantos diferentes tem gente que sabe falar inglês.
- Sim.
- Sim, por que nos ajuda a entender outra língua.

- Sim, eu acho.

A2 (Respostas dos Alunos da Rede Particular)

- Sim, pois podemos se aprofundar em uma matéria muito boa e interessante.
- Sim. Não só por agente estar todos os dias usando ele sem perceber agente aprende o significado dele.
- Sim, pois no futuro eu posso precisar dele para eu ir fazer uma viagem ou então no trabalho que eu irei trabalhar.
- Sim, por que no futuro eu posso precisar para se comunicar com outras pessoas.
- Sim, para se comunicar com as pessoas e possa no futuro algum de nós irmos ao exterior.

8° Ano

A1 (Respostas dos Alunos da Rede Pública)

- Sim, não só porque precisamos do inglês em nossos dias mais também para aprimorarmos os nossos estudos e vocabulários.
- Sim, porque serve por acaso for para país diferente saberá a linguagem inglesa.
- Eu não acho tão importante estudar inglês.
- Sim porque um dia eu acho que vou precisar.
- Sim, porque se você sair do país já sabe falar inglês.

A2 (Respostas dos Alunos da Rede Particular)

- Sim, pois nos ajuda muito em questão de trabalho e convivência.
- Sim. Pois no dia-a-dia vemos vários nomes inglês precisamos ter uma noção de que pelo menos esses nomes significam.
- Sim. Porque inglês também é uma língua falada no Brasil temos aqui vários estrangeiros e em qualquer dia podemos dar de cara com eles.
- Sim, é necessário para a busca de empregos futuramente.
- Sim. Pois todos nós utilizamos e encontramos em diversas ocasiões.

9° Ano

## A1 (Respostas dos Alunos da Rede Pública)

- Sim porque pode lhe dar mais chance de um emprego melhor.
- Sim. O estudo de inglês é importante, pra quando você for viajar para fora, ou quando for conversar com alguém, mais fora disso aprendo aprender inglês é muito importante.
- Sim, porque quando nos precisarmos ir para novos países nos já temos conhecimento de alguma coisa.
- Sim, pois aprendemos outra linguagem.
- Sim, precisamos aprender, porque pode acontecer que precisamos em determinados locais.

## A2 (Respostas dos Alunos da Rede Particular)

- Sim, é importante sabermos outras línguas, principalmente o inglês
- Sim.
- Sim. Pois você seria uma pessoa mais preparada e eficiente.
- Sim. Pois você estaria mais preparado para um emprego e outras coisas no nosso meio de trabalho.
- Sim. Pois é sempre bom e útil para nós sabermos ao menos de alguma coisa de língua inglesa.

**ANEXO 10 – Respostas de A1 e A2 sobre a pergunta 3**

3. Quais as dificuldades que você tem para aprender inglês?

6° Ano

A1 (Respostas dos Alunos da Rede Pública)

- Eu não entendo direito.
- Poucas como achar palavras em dicionários e também outras formas de dificuldades.
- Tem só algumas palavras que não entendo aí fica difícil.
- Nenhuma porque não estou pronto para tudo. Só nesse ano.
- É na hora de falar por a minha língua não vai.

A2 (Respostas dos Alunos da Rede Particular)

- Nenhuma porque às vezes reviso em casa.
- A minha dificuldade é quando tem uma palavra e não sei pronunciar.
- As dificuldades que eu tenho para aprender inglês são os verbos.
- Eu tenho mais dificuldade na matéria de inglês, mas também não tanto assim várias coisas eu sei traduzir.
- As palavras que eu não conheço e alguns significados das palavras.

7° Ano

A1 (Respostas dos Alunos da Rede Pública)

- As dificuldades que eu tenho é mais na parte da escrita.
- As palavras são muito diferentes.
- As minhas dificuldades é porque é muito difícil de falar.
- Primeiro as línguas são muito complicadas.
- As dificuldades é que pra saber inglês tem que decorar as letras e isso é uma dificuldade.

## A2 (Respostas dos Alunos da Rede Particular)

- Alguns assuntos são bem fáceis, outros são bem complicados, não tenho muita dificuldade de aprender.
- Várias. Não só pelo fato de nós no Brasil não falarmos esta língua isso só dificulta muito.
- No meu caso eu não tenho nenhuma dificuldade.
- Algumas regras dessa língua.
- A escrita eu sou muito bem e nos assuntos também só sinto na pronuncia.

## 8° Ano

## A1 (Respostas dos Alunos da Rede Pública)

- A minha dificuldade e de ler o inglês da forma certa de se ler.
- Leitura tradução e vários outros.
- Tenho dificuldade em falar inglês.
- Todas.
- Tenho um pouco de dificuldade porque às vezes é difícil fazer as tarefas e também as vezes você não entende.

## A2 (Respostas dos Alunos da Rede Particular)

- Por ser outra língua e por ser outra língua tem suas regras e suas dificuldades e ela também confunde um pouco a cabeça.
- Algumas, em questão de trocar palavras.
- Na maioria das vezes é porque eu não sei o significado em português aí fico meio perdida.
- Traduções textuais e o verbo to be.
- Às vezes tem muitas regras, que são muito importantes, mais se esquecer-las, poderá não se sair bem.

## 9° Ano

## A1 (Respostas dos Alunos da Rede Pública)

- A maior delas é apenas a pronuncia, ou seja, como se pronuncia a palavra.

- Tenho muita. Primeiro não entendo o que os professores estão falando e assuntos é muito importante de saber, mais eu não consigo entende, porque tenho muita dificuldade.
- As leituras e os pronunciamentos.
- Para falar as palavras, ler, traduzir.
- Diversas as dificuldades é muito difícil entender.

A2 (Respostas dos Alunos da Rede Particular)

- Tenho dificuldade nas palavras, mais em questão de traduzir e falar também. Como eu não tenho prática sinto bastante dificuldade.
- A pronuncia correta, algumas regras e algumas palavras.
- Lembrar da tradução de algumas palavras.
- As palavras diferentes e algumas regras.
- As vezes tem muitas regras para você aprender as palavras que não são parecidas no nosso português, também é uma das minhas dificuldades.

**ANEXO 11 – Respostas de A1 e A2 sobre a pergunta 4**

4. Você gostaria de ter começado a estudar inglês anteriormente? Por quê?

6° Ano

A1 (Respostas dos Alunos da Rede Pública)

- Por que eu poderia saber mais direito de tudo.
- Sim, pois quando tinha 4 anos assisti filmes em inglês.
- Sim. Porque já ia pegando a prática de aprender mais rápido um pouco.
- Sim, porque eu ouvia todo mundo falar inglês aí eu me esforcei e cheguei até aqui.
- Sim, porque eu gosto de estudar inglês.

A2 (Respostas dos Alunos da Rede Particular)

- Sim, porque é uma matéria super interessante.
- Sim. Para aprender e no futuro ser uma pessoa melhor.
- Sim, porque eu achava mais legal.
- Sim, que agente poderia estar numa explicação mais avançada, só que como está tá ótimo.
- Sim, porque eu teria mais conhecimento.

7° Ano

A1 (Respostas dos Alunos da Rede Pública)

- Sim, porque eu gostaria de saber mais um pouco do que eu aprendi.
- Sim, porque agora eu já sabia falar inglês
- Sim! Por que aprenderia mais depressa.
- Sim. Porque agora não teria tanta dificuldade.
- Sim, porque eu saberia para onde vai, e como eu poderia decorar melhor.

A2 (Respostas dos Alunos da Rede Particular)

- Sim. Acho uma matéria muito interessante e muito boa de se aprender.
- Sim. É legal sempre aprender coisas novas assim agente aprende mais e fica por dentro de tudo.
- Sim. Pois eu iria adaptar melhor meu inglês e falar a pronuncia certa.
- Sim, porque eu fico melhor adaptado para os assuntos mais avançados.
- Sim. Estudo inglês desde os 2 anos, e foi a melhor época de estudar, ainda pequeno e não me arrependo.

## 8º Ano

### A1 (Respostas dos Alunos da Rede Pública)

- Sim, pois como já disse ajudaria muito no meu futuro.
- Sim, porque pra quando chegar numa série mais alta já sabe o inglês
- Sim, porque eu acho que aprenderia mais fácil
- Não, porque eu não gosto muito.
- Não, porque às vezes é difícil.

### A2 (Respostas dos Alunos da Rede Particular)

- Sim, porque estava mais preparada e adiantada no aprendizado.
- Não. Na série que começamos na minha opinião é o correto.
- Sim, porque eu já iria aprendendo mais e não teria muita dificuldade.
- Sim. Porque hoje eu sinto muita dificuldade.
- Sim. Acho que quanto antes melhor, pois vamos aprendendo coisas novas e tendo como base o que aprendemos anteriormente.

## 9º Ano

### A1 (Respostas dos Alunos da Rede Pública)

- Não, porque acho que não levaria muito a sério e passaria apenas por uma passagem da vida.
- Sim. O ensinamento de inglês era para vim, quando agente era pequena, com isso o inglês não fica difícil, e nem tinha dificuldade tanto pra aprender e nem

entender.

- Sim, porque ia ajudar muito no desenvolvimento.
- Sim, porque se pois anteriormente seria melhor para falar as palavras e etc.
- Sim, isso ajudaria bastante quando os alunos chegassem no ensino fundamental e médio.

A2 (Respostas dos Alunos da Rede Particular)

- Sim. Porque com certeza teria me ajudado mais em questão de interpretação.
- Sim, pois acho que eu seria mais preparado e teria um conhecimento maior.
- Sim, porque hoje é mais fácil desenvolver a língua por conta do que já estudei o básico.
- Sim, pois acho que hoje eu sou mais preparado.
- Sim. Pois é a língua mais falada no mundo e seria mais fácil para poder me comunicar com outras pessoas estrangeira.

**ANEXO 12 – Respostas de A1 e A2 sobre a pergunta 5**

5. Você utiliza o inglês no dia-a-dia? De que forma?

6° Ano

A1 (Respostas dos Alunos da Rede Pública)

- Não.
- Utilizo, mais... como não sou muito chegada a falar em inglês utilizo pouco mais adora musica em inglês.
- Sim utilizo escutando música.
- Não muito mais pratico algumas vezes como o meu aprendizado.
- Falando os números e as vezes eu falo em casa os nomes das coisas em inglês.  
Eu escuto musica também.

A2 (Respostas dos Alunos da Rede Particular)

- Sim, porque em alguns jogos a maioria das pessoas falam inglês e eu uso para falar com eles.
- Sim. Porque eu faço curso e as vezes eu falo
- Não. Porque eu não sei muito.
- Não.
- Sim, brincando com os amigos ou falando com eles em inglês.

7° Ano

A1 (Respostas dos Alunos da Rede Pública)

- Sim, fico escutando musica em inglês e fico treinando as palavras.
- Um bom dia, uma boa tarde ou boa noite.
- Para dar bom dia e também as vezes para falar com a professora.
- As vezes com bom dia e boa tarde.
- Sim, algumas vezes na bagunça com minha mãe eu falo em inglês, bom dia mainha.

## A2 (Respostas dos Alunos da Rede Particular)

- Sim. Com os amigos agente se falando, na escola, etc.
- Sim. De vários sentidos por exemplo na hora de se servir em muitos restaurante usamos o fast-food. Isso já é estudar inglês no dia-a-dia.
- Sim. Falando estrangeirismo tipo: shampoo, shopping, hambúrguer, hot dog e outras coisas.
- Sim. Algumas palavras eu uso já que elas não possuem tradução.
- Sim, faço curso de inglês, algumas redes sociais e jogos é em inglês.

## 8° Ano

## A1 (Respostas dos Alunos da Rede Pública)

- Utilizo o inglês quase todos os dias, pois amo musica em inglês, falo no dia-a-dia o inglês e etc.
- Muito não, mais utilizo não internet, e as vezes falando, filme, musica
- Não.
- Não.
- Sim, dá tchau para o colega, responder sim.

## A2 (Respostas dos Alunos da Rede Particular)

- Sim, no estrangeirismo, nas séries e filmes, na rua e de varias outras formas.
- Sim. Vendo nomes de lojas, comida e etc.
- Sim. No estrangeirismo.
- Sim. Em um dialogo básico como: A: Hello

B: Hi

A: How are you?

B: I'm fine.

- Sim, em restaurantes, na internet, e etc. onde você menos espera pode ter, por isso é importante saber.

9º Ano

A1 (Respostas dos Alunos da Rede Pública)

- Sim. Nos games e as vezes em perguntas e só consigo responder pela experiência de ficar direto no mesmo jogo, nas musicas e em filmes.
- Sim. De várias formas como: ouvir musicas, filmes e mexer em redes sociais, noticias em jornais ingleses, mais o que mais uso é musica, filmes e redes sociais.
- Não.
- Utilizo escutando musica.
- Sim, alguns jogos e também na escola.

A2 (Respostas dos Alunos da Rede Particular)

- Sim. No estrangeirismo.
- Sim. Em musicas, redes sociais e etc. E também em palavra que usamos no dia-a-dia.
- Sim. Meu pai só fala inglês, então só tenho como me comunicar em inglês.
- Sim. Por meio de algumas palavras comuns em nosso cotidiano.
- Sim. Pelo estrangeirismo.